



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

Versão para registro histórico

Não passível de alteração

CPI - MÁFIA DO FUTEBOL			
EVENTO: Audiência Pública	REUNIÃO Nº: 0569/16	DATA: 07/06/2016	
LOCAL: Plenário 9 das Comissões	INÍCIO: 15h19min	TÉRMINO: 17h38min	PÁGINAS: 59

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

KLEBER LEITE - Empresário na área de *marketing* esportivo.

SUMÁRIO

Tomada de depoimento e deliberação de requerimentos.

OBSERVAÇÕES

Grafia não confirmada: Naum.
Houve intervenções fora do microfone. Inaudíveis.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudivio Carvalho) - Senhoras e senhores, muito boa tarde.

Declaro aberta a 11ª Reunião da Comissão Parlamentar de Inquérito da Máfia do Futebol.

Informo que se encontram à disposição dos Srs. Parlamentares cópias da ata da 10ª reunião. Indago se há necessidade da leitura.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROCHA - Sr. Presidente, peço dispensa da leitura da ata, porque já é de conhecimento de todos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudivio Carvalho) - Dispensada a leitura por solicitação do Deputado José Rocha.

Em discussão a ata. *(Pausa.)*

Não havendo quem queira discutir, submeto à votação a respectiva ata.

Os Deputados que a aprovam permaneçam como se encontram. *(Pausa.)*

Aprovada a ata.

Informo a V.Exas. o recebimento das seguintes correspondências: do Sr. Procurador-Geral da República, em resposta aos Requerimentos nºs 27, 56 e 77, de 2016, de autoria dos Deputados Arnaldo Jordy, Goulart e Otavio Leite, que requereram compartilhamento de informações; mensagem eletrônica do Sr. Jamil Chade, encaminhando reportagem com suspeita de contratos forjados para desviar milhões de dólares da Copa do Mundo no Brasil; da Presidência da Câmara dos Deputados, encaminhando o inteiro teor do relatório final não votado da CPI da CBF/Nike, em atendimento ao Requerimento nº 68, de 2016, de autoria do Deputado Silvio Torres.

Passemos à Ordem do Dia.

A presente reunião destina-se à deliberação de requerimentos e tomada de depoimento do Sr. Kleber Leite, a quem convido a tomar assento à mesa. *(Pausa.)*

Informo que o Sr. Kleber Leite está acompanhado dos advogados Michel Chaquib Asseff Filho e Rafael Ferreira de Matos, que o representam nesta CPI.

Peço a atenção das Sras. e dos Srs. Deputados para as normas estabelecidas no Regimento Interno da Casa: o tempo concedido ao convocado será de até 20 minutos, prorrogáveis a juízo da Comissão, não podendo ser aparteado;



os Parlamentares interessados em interpelá-lo deverão inscrever-se previamente junto à Secretaria.

Sr. Kleber Leite, eu advirto que V.Sa. será ouvido na qualidade de investigado, tendo em vista o teor do requerimento aprovado, sendo-lhe garantidos os seus direitos constitucionais, entre os quais o exercício da prerrogativa constitucional contra a autoincriminação; o direito de ser assistido por advogado ou, em falta deste, de ser lhe nomeado defensor *ad hoc*, e de com este comunicar-se, pessoal e reservadamente, durante o curso do depoimento; e o direito de ver respeitadas, sempre em seu próprio benefício, as prerrogativas profissionais previstas no art. 7º da Lei nº 8.906, de 1994, o Estatuto da Advocacia.

Advirto ao depoente que a sua colaboração para a elucidação dos fatos certamente terá efeito nas conclusões desta CPI e que a versão apresentada nesta assentada poderá atrair para V.Sa. outros benefícios que a lei lhe garante.

Concedo a palavra, portanto, por até 20 minutos, ao Sr. Kleber Leite.

O SR. KLEBER LEITE - Boa tarde a todos. Sr. Presidente, primeiro, eu gostaria de cumprimentá-lo, antes de qualquer coisa, porque acompanhei a CPI dos Maus-Tratos. Não sei se o amigo sabe, eu faço parte... O nosso Presidente é o Presidente do Botafogo, Carlos Eduardo. Ele é o Presidente do GAPA — Grupo de Proteção e Assistência aos Animais. O GAPA é a instituição protetora dos animais na Serra, em Petrópolis. E lá já tivemos a oportunidade de conseguir mais de 3 mil doações. Enfim, uma coisa fascinante, que me fascina muito. Enfim, já o acompanhava há bastante tempo. Eu gostaria primeiro de colocar... Eu gostaria primeiro... Não vou utilizar os 20 minutos. Acho que não há necessidade. Eu gostaria apenas, primeiro, de me apresentar àqueles que, enfim, não tive oportunidade, não tive chance de manter o contato, de ter uma relação. Vejo aqui grandes e queridos amigos, alguns inclusive de passagens memoráveis no mundo do futebol, como o meu querido amigo Deputado Deley, e outras pessoas que não conheço. Gostaria de colocar inicialmente o meu lado pessoal. A minha formação é jornalística. Eu tive a minha atividade ligada basicamente às emissoras de rádio no Rio de Janeiro. Comecei na *Rádio Vera Cruz*, que era uma emissora muito pequena, depois fui para à *Rádio Guanabara* e depois fiz um pingue-pongue de vida entre a *Rádio Globo* e a *Rádio Tupi*. Em 1984 — antes eu já tinha tido uma veia comercial, tendo sido



contato comercial da *Rádio Tupi* durante muitos anos... Depois, em 1984, eu fundei, ao lado de uma pessoa, que à época era meu sócio, Fernando Luís Feliciano de Aragão, a Klefer, uma empresa voltada para a comunicação esportiva, com grandes figuras nacionais contratadas, como João Saldanha, Jorge Cury, Zico, Falcão, Sócrates. Depois descambamos para o caminho do *marketing*. Isso, em 1984. E ela perdura, graças a Deus, até hoje. Basicamente, essa aí é a minha história de vida no lado profissional. Tive, como realização de vida, o privilégio de ter sido Presidente Flamengo durante dois mandatos, de 1995 a 1998, e depois, colaborando também, na condição de Vice-Presidente de Futebol, de 2005 a 2009, culminando com a conquista de um Campeonato Brasileiro. Basicamente, essa é a minha história de vida. No aspecto profissional, sempre fui pautado pela correção, pela dignidade e pela lisura. Fui Presidente do Flamengo durante 4 anos e Vice de Futebol durante 5 anos. E diria a todos, sem medo de errar, que paguei para ser Presidente do Flamengo, porque, como a paixão é algo absolutamente ilimitado, o Flamengo jamais me pagou sequer uma Coca-Cola, uma passagem aérea, uma estadia, absolutamente nada. Foi realmente uma doação de vida que eu tive a oportunidade de fazer. Então, rapidamente, o que eu queria colocar como história de vida, muito curta. Certamente terei tempo aqui, porque as perguntas são óbvias. Algumas, eu imagino quais sejam. E vou ter a oportunidade aqui de dirimir qualquer tipo de dúvida. Os advogados estão aqui porque não são propriamente advogados, são advogados e amigos. O Michelzinho, inclusive, é como um sobrinho meu. O pai dele, Michel Asseff, é como um irmão meu. Enfim, ele está aqui muito mais como um sobrinho do que propriamente como advogado. E o Rafael é quase que um novo amigo de infância. Então, eu estou rigorosamente à disposição dos senhores para dirimir qualquer tipo de dúvida. Acho até que é uma oportunidade excepcional que eu estou tendo aqui. Embora tenha o direito de ficar calado, jamais ficarei, porque não tenho nenhum motivo para ficar calado aqui. Muito pelo contrário, estou realmente sensibilizado ante a possibilidade de poder me externar e dizer um pouquinho das coisas que estão presas, engasgadas, como a grosseria que foi cometida contra mim e contra a minha empresa, numa atitude arbitrária e absurda, e que até hoje não se sabe o motivo real do que lá aconteceu, colocando em risco a vida de uma empresa que tem 33 anos de existência e fazendo com que nós



passássemos, durante 1 ano, realmente por situações familiares, de saúde e de preocupação com vários companheiros de trabalho realmente muito grande. Então, basicamente é isso. Eu não quero tomar o tempo de ninguém. Estou aqui inteiramente á disposição para qualquer tipo de pergunta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudivio Carvalho) - Muito bem.

Concedo a palavra ao autor do requerimento de convocação, Deputado Goulart.

O SR. DEPUTADO GOULART - Sr. Presidente, meu amigo Laudivio Carvalho, Sr. Kleber Leite, quem eu conhecia através do rádio. Embora eu seja frequentador assíduo de estádios, eu o conheço simplesmente pelo rádio e por sua participação no futebol, como Presidente do Flamengo.

Eu tenho um problema seriíssimo. Eu falava para V.Sa., na sala de espera, que tenho uma grande demanda no futebol: impedir que a Rede Globo transmita jogos do Rio de Janeiro por 30 anos, para pagar os pecados, porque só passa os jogos do Rio de Janeiro, principalmente do Flamengo. Com isso, vocês conseguiram ser a segunda maior torcida do Brasil. É apenas brincadeira. *(Risos.)*

O motivo da sua convocação, Sr. Kleber Leite, é devido aos noticiários que realmente... Infelizmente, têm acontecido muitas arbitrariedades, por ouvir dizer. Esta CPI é uma vitrine e V.Sa. poderá externar tudo que disse, o problema que foi causado. Existe J. Hawilla, a suspeita, que certamente foi esse o motivo que fez com que a Polícia Federal fizesse visita ao seu escritório, que normalmente, sabemos, é feita com estardalhaço, e não sei como acaba que a imprensa descobre. Sempre a imprensa está junto com as ações da polícia. Acho que isso deveria ser proibido.

Mas J. Hawilla confessou, acabou sendo delator, usando esse método da delação premiada, e está devolvendo 151 milhões de dólares. E há suspeita de que existiria alguma parceria secreta entre Klefer e Traffic. E esse foi um dos motivos.

Eu gostaria que V.Sa. respondesse, mas farei todas as indagações.

Foi com sua participação também, por competência no *marketing*, que V.Sa. conseguiu o primeiro patrocínio para o Flamengo, com a PETROBRAS.

O SR. KLEBER LEITE - Em 1984.



O SR. DEPUTADO GOULART - À época, eu me lembro muito bem, o Corinthians teve o patrocínio da Kalunga; o São Paulo, da Bombril; o Flamengo, da PETROBRAS. Eu não esqueço nunca, porque sempre torcia contra.

Hoje vemos em todos os noticiários um grande problema: o orgulho que era a PETROBRAS e o que causou a todos nós brasileiros a bandalheira que virou a PETROBRAS. Àquela época — talvez, não tenha muito a ver, porque é coisa do passado —, nas negociações com a PETROBRAS, os diretores que tratavam dos contratos já exigiam alguma participação? Se V.Sa. achar que deve falar, tudo bem. Mas eu gostaria que explicasse um pouco, para que possamos sanar todas as dúvidas, principalmente se existe essa relação com as empresas Traffic e Klefer, que motivou a visita que V.Sa. recebeu da Polícia Federal.

O SR. KLEBER LEITE - Deputado, com muito prazer. Vou começar pela última pergunta. A relação, àquela época, com a PETROBRAS era algo fascinante. O presidente... O diretor, à época, da PETROBRAS, que cuidava basicamente desse desenvolvimento na parte do *marketing*, era Carlos Alberto Pinheiro, profissional extraordinário, de altíssimo nível, e uma pessoa absolutamente incorruptível, pessoa de bem. E havia, a bem da verdade, como o plano é político, havia um grande rubro-negro, chamado Gilberto Naum, que era, à época, assessor do Presidente da PETROBRAS — não me pergunte quem era na época, que eu não lembro, mas lembro do Gilberto Naum, que ajudou muito nesse sentido. E foi um patrocínio que começou em 1984 e que se alongou durante 24 anos. Em síntese, foi o mais longo patrocínio de uma equipe de futebol no mundo, foi a que o Flamengo teve com a PETROBRAS. Na minha época, não propriamente na minha época, como empresa que desenvolveu o projeto, que não se atinha só pura e simplesmente à propaganda na camisa, havia outras situações de retorno, e que nos competia a fazer, na minha época isso durou apenas 10 anos, porque, em 1984, começou esse projeto. Em 1994, quando eu resolvi me candidatar à Presidência do Flamengo, não condicionei a entrega desse produto — coloquemos assim — de volta ao clube, apenas entregamos de maneira oficial. Não teria sentido, seria um absurdo, antiético. Como é que eu poderia presidir o Flamengo tendo interesse comercial no Flamengo? Então, em 1994, nós abrimos mão do desenvolvimento desse trabalho e o entregamos ao Flamengo. Isso se alongou até 2008. E a relação



era uma relação absolutamente correta, era uma relação de extrema afinidade. Tenham a certeza de que tem sido muito bom tanto para o Flamengo quanto para a PETROBRAS. A participação da Klefer naquele projeto, no desenvolvimento dele, que não se atinha só ao patrocínio da camisa, era de 15% do valor total. Com relação a sua pergunta, Deputado, e que me parece óbvio, no fundo, no fundo, o que cada um quer perguntar é o seguinte: companheiro, há um depoimento, até também por ouvir dizer, porque os advogados sequer tiveram acesso a um processo... É inaceitável, inadmissível que, num país como o nosso, onde o processo é democrático, que alguém não tenha sequer o direito de se defender e saber do que é acusado. Convenhamos, é uma grande covardia. Você ver a sua empresa ser invadida pela Polícia Federal e pelo Ministério Público, de o sujeito chegar para mim e dizer: *“Tem um cofre aí? Eu quero ver o que tem no cofre”*, sem dizer o motivo... O Procurador, aliás, é uma pessoa extremamente polida e educada. Por algumas coisas que ele comentou por ouvir dizer, a gente foi entendendo mais ou menos do que se tratava. O problema do Sr. J. Hawilla é o seguinte: eu, se advogado fosse, e se, porventura, um dia tiver a necessidade de enfrentamento com ele, a primeira coisa que eu pediria seria um teste de sanidade mental com relação a ele. Eu duvido que ele esteja no gozo pleno de sua sanidade mental. Até entendo, porque ele teve um problema de saúde recente muito sério, seriíssimo, um problema grave de saúde. E eu cheguei inclusive a dizer, quando surgiu o programa — tenho um *blog* —, que isso deve ter afetado seriamente a mente dele, porque é absolutamente inadmissível e inconcebível o que eu ouvi dizer que ele teria feito. Tenho que colocar assim porque não há outro motivo, porque não tivemos acesso a nada. O Sr. Hawilla é uma pessoa de duas personalidades. Ele é uma pessoa extraordinária, delicada, doce, amável, meiga, amiga, quando não há qualquer interesse financeiro envolvido. Quando há dinheiro envolvido, é outra figura completamente diferente. Eu diria que há dois Hawillas, um normal, quando não há dinheiro envolvido, e outro, quando há dinheiro envolvido, é o ser mais materialista que eu já vi na minha vida. Há um caso que eu tenho que contar aqui, porque no fundo a pergunta é muito simples. A Klefer assinou um contrato com a Copa do Brasil. Essa é a acusação. E a Klefer teria pagado propina ao Presidente da época, Ricardo Teixeira? Eu vou ter oportunidade, estou feliz da vida, de poder externar



isso aqui, porque eu nunca tinha tido essa chance até agora. Se os senhores tiverem paciência, quero contar uma história, rapidamente, documentada. Houve determinado momento em que aconteceu um atrito seriíssimo envolvendo a Traffic e a Confederação Sul-Americana de Futebol — e não só a Confederação Sul-Americana, mas todas as federações que compõem o continente americano — são dez —, mais a própria Confederação Sul-Americana. Não bastasse isso, também houve um problema relativo a cada um desses Presidentes e também ao Presidente da Sul-Americana. As manchetes eram as seguintes: *“Traffic processa CONMEBOL e CBF por contrato; CONMEBOL rompe com Traffic, que vai à Justiça; CONMEBOL bane J. Hawilla e Traffic das transmissões de TV. Dono da Traffic é considerado persona non grata pela CONMEBOL.”* O que aconteceu? A CONMEBOL faz um encaminhamento a todas as federações determinando que cada uma delas não pudesse ter mais nenhum tipo de vínculo comercial com a Traffic e proibindo a presença do seu titular em qualquer uma das dependências dessas federações. O Presidente da CBF recebeu esse comunicado da CONMEBOL, encaminhou-o imediatamente para o departamento jurídico, porque havia um elo comercial entre a Traffic e a CBF, que era exatamente o patrocínio da Copa do Brasil, que começara, se eu não estou equivocado, em 2004, e iria... Era um contrato de 4 anos. Eram mais 3 anos ainda de contrato, alguma coisa nesse sentido. Ele encaminhou o comunicado para o jurídico. O departamento jurídico da CBF devolveu para o Presidente da CBF um documento dando conta de que a Traffic que não estava dando nenhum motivo para o rompimento contratual. Se a CBF quisesse romper unilateralmente, poderia, era um direito que ela tinha, mas deixa claro o documento que custaria caro, porque a razão não estava com a CBF, a razão estaria com a outra parte, porque não deu causa ao rompimento do contrato, e não pode ser o Presidente da Sul-Americana que vai determinar um contrato feito entre uma empresa brasileira e uma entidade, uma instituição brasileira, no caso a CBF. No final desse ofício, o departamento jurídico coloca o seguinte: *“No entanto, para evidenciar seu inconformismo e manifestar todo seu desagrado com o inusitado comportamento adotado pela Traffic, a CBF poderá, desde já, deixar claro que não renovará os três contratos celebrados em 22 de janeiro de 2009 com a Traffic, os quais se extinguirão 30 dias após encerramento. Nesta esteira, não havendo nesses*



três contratos previsão ou garantia de sua renovação em favor da Traffic, é fácil perceber que nada impede que a CBF imediatamente firme com terceiros novos contratos regulando a Copa do Brasil a partir da edição de 2015, cujo prazo de vigência somente se iniciará 30 dias depois de findos os atuais contratos firmados pela Traffic". O Presidente da CBF recebeu isso aqui e me telefonou, no dia 1º de janeiro. Ele disse: "Eu precisava falar com você". Eu fui à CBF. Ele me disse: "Olha, aconteceu isso, eu tenho que romper o contrato com a Traffic, e a sua empresa é estruturada para desenvolver o projeto, porque não é uma coisa simples". É bom que se explique aqui. Alguém pode perguntar: "O Presidente da CBF não poderia ter feito uma concorrência?" Poderia. O problema todo é que, nesse desenvolvimento, como ocorre, seriam pouquíssimas, raríssimas as empresas que estariam estruturadas para esse desenvolvimento. Nós já fazíamos, à época, todo o desenvolvimento do Campeonato Brasileiro, que, convenhamos, é bem melhor e mais cômodo do que a Copa do Brasil, porque o Campeonato Brasileiro tem uma tabela, envolve um mundo de gente, porque é o Brasil inteiro, mas nós sabemos, nas datas adequadas, os jogos que serão realizados, data, hora, é tudo direitinho. A Copa do Brasil é uma loucura: o Santa Cruz está decidindo uma vaga com o Paysandu, o vencedor vai jogar com o Grêmio, não se sabe se o jogo é em Recife, em Belém do Pará. Enfim, é uma confusão infernal. Só para que as pessoas tenham uma noção do que representa efetivamente o volume de trabalho da Copa do Brasil: são 87 clubes participantes, 27 Estados envolvidos, 10 meses de duração, 158 jogos realizados, 345.416 quilômetros percorridos, o equivalente a 9 voltas ao mundo, 50 geradores, 13 milhões de watts, transporte por todo o País de mais de 10 toneladas de equipamento, e por aí vai. Não há muitas empresas preparadas e prontas para esse tipo de desenvolvimento, mas era um desafio novo, que me remetia um investimento novo. Acabamos tendo que pedir recurso ao Banco Itaú. Enfim, voltamos, nos reunimos e fizemos uma proposta, 3 ou 4 dias depois. A base da proposta era o contrato encerrado com a Traffic, em que a correção era, no primeiro ano, de 3,5%; nós calcamos em 10%; no segundo, de 4% e pouco, repetimos 10%; no terceiro, de 5% e pouco, repetimos 10%. Findas essas 3 correções que ficaram a maior, nós ainda colocamos em cima, por conta de um novo contrato, mais 20%. Tudo que eu estou colocando aqui está escrito, está documentado para deixar aqui



com os senhores. Fizemos um contrato no dia 8, 8 dias depois. Eu ainda falei para o Ricardo: *“Ricardo, isso não criará um problema ético com o Hawilla?”* Ele disse: *“Não tem jeito. Se não for a empresa de vocês, será a empresa de alguém. Vai ser duro achar quem possa desenvolver dessa forma o volume necessário para tal”*. O Hawilla não se conformou. Até hoje ele tem a noção exata de que eu passei a perna nele, de que eu não fui correto com ele, quando não fizemos absolutamente nada que não estivesse dentro de um plano ético e com algo plenamente justificável. Não tinha como! Ele não perdoa, em hipótese alguma. Ele não perdoa até hoje, isso está de uma maneira clara, o fato de ele ter perdido a Copa do Brasil e nós termos assumido a Copa do Brasil nesse contrato com a CBF. A relação que eu tenho com o Presidente da CBF, Ricardo Teixeira, eu quero deixar aqui de maneira muito clara: o Ricardo é meu amigo. Eu sou padrinho da filha dele, com muita honra. E me sensibiliza o momento que ele está passando. A nossa relação é afetiva. Nunca, jamais, em tempo algum, houve um mísero centavo de interesse entre mim e o meu amigo Ricardo Teixeira. Outra coisa, Deputado, eu trouxe aqui...

O SR. DEPUTADO DELEY - Kleber, desculpe-me. Nessa época você era sócio do Hawilla, quando houve essa negociação?

O SR. KLEBER LEITE - Não, eu nunca fui sócio do Hawilla. Eu nunca fui sócio. Nós tivemos projetos conjuntos. De maneira conjunta, por concorrência, ganhamos o Maracanã, o Morumbi, o Mineirão. Já desenvolvemos um projeto na Seleção Brasileira, onde a Klefer... Na realidade, a relação *tête-à-tête*, diretiva, com os presidentes de federações, com quem quer que seja, sempre foi feita por ele. O que me competia fazer é o que eu sei fazer: é a parte de criação, é a parte de logística, é a parte comercial, porque, modéstia à parte, sempre fomos bons vendedores. Era isso nos que competia a fazer. E por isso ele atrelava a Klefer aos processos dele, porque era interessante para ele também. E uma série de projetos fizemos juntos, pré-olímpico, eliminatórias para Copa do Mundo. Fizemos juntos, enfim, uma infinidade de projetos, amistosos da Seleção Brasileira, vários e vários projetos. O que acontece, de uma maneira muito clara, é que ele não se conforma em hipótese alguma. Certamente é uma vingança, e torpe, na medida em que jamais, em tempo algum, eu poderia fazer... Eu não nasci para isso, a vida inteira trabalhei. A Klefer é uma empresa que trabalha muito. Nós temos 300 pessoas



trabalhando conosco, rodando este Brasil inteiro, dentro de uma normalidade. Não temos avião, não temos lancha, não temos nada. É uma empresa que tem a sua vida legal organizada. Mas, para desenvolver esse projeto, tivemos que recorrer ao Banco Itaú para obter o empréstimo e, enfim, pagar as coisas necessárias, porque o volume de despesas desse desenvolvimento é uma coisa realmente muito grande. Eu também tenho os números aqui e oportunamente vou poder passar para vocês.

O SR. DEPUTADO GOULART - Só para completar, Kleber, como você tem uma experiência muito grande... Desculpe chama-lo de você.

O SR. KLEBER LEITE - Pode ficar à vontade, não tem problema nenhum.

O SR. DEPUTADO GOULART - Como V.Sa. tem uma experiência grande no futebol, dirigiu o Flamengo, e a gestão do futebol brasileiro é feita pela CBF, o que fazer para que a CBF volte a ser o orgulho do povo brasileiro? O que fazer com o futebol, na sua opinião, para que volte a adquirir credibilidade?

O SR. KLEBER LEITE - Tempo. Tempo é tudo. Tempo corrige tudo. Com certeza absoluta, a memória do 7 a 1 não vai se apagar da nossa cabeça durante um bom tempo. Está ali o Rodrigo, ferrenho botafoguense, querido amigo. Também não se apaga rápido o 6 a 0 que o Botafogo sapecou em cima do Flamengo; isso só foi resolvido não sei quantos anos depois, com outro 6 a 0.

O SR. DEPUTADO RODRIGO MAIA - Injustamente.

O SR. KLEBER LEITE - Injustamente. *(Risos.)* Pois é, mas só foi assim.
(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. KLEBER LEITE - Houve 6 a 1 também. Mas não importa, só passou com 6 a 0. Eu vi o depoimento do gerente, do CEO da CBF aqui. Eu confesso, Deputado, palavra de honra, que me animou. Eu o acho uma pessoa extremamente competente, muito competente. Liguei para ele para parabenizá-lo e dizer que assim, dessa forma, com aquela franqueza e lealdade, eu precisava muito conhecer e saber como é da convivência, para eu ter ao menos minimamente a noção de com quem eu vou lidar, como é isso. Eu ouvi tudo, e confesso que isso é animador. Algumas coisas que estão sendo feitas lá são coisas extremamente interessantes. E ele colocou, com muita propriedade que, como a maré não é boa, é difícil para as pessoas elogiarem, mas já está até acontecendo. Então, eu acho que isso é uma questão de tempo. Se continuar nesta batida de seriedade, de as pessoas levarem a



coisa de uma maneira correta, atentando para o mérito, enfim, como está sendo feito, eu acho que é uma questão de tempo.

O SR. DEPUTADO GOULART - Apenas para terminar, Sr. Presidente, eu quero dizer que eu gosto muito do 7 a 1. Eu não esqueço, jamais esquecerei os 7 a 1 que nós demos no Santos. Mas o Feldman, como você falou, é uma figura fantástica! Foi o melhor Secretário de Esportes que São Paulo já teve. Certamente, figuras como ele podem ser um indicativo para a melhora do futebol brasileiro.

O SR. KLEBER LEITE - Para concluir, neste assunto aqui, o que se pode falar da gestão atual é que não teve participação nenhuma no contrato que eu acabei aqui de mencionar. Quando o ex-Presidente José Maria Marin e, posteriormente, Marco Polo Del Nero chegaram, esse contrato já era um contrato absolutamente em vigor.

O SR. DEPUTADO GOULART - Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Vou fazer uma pergunta aqui ao Sr. Kleber Leite. O senhor tem algum relacionamento profissional ou pessoal com José Maria Marin?

O SR. KLEBER LEITE - Nunca tive. A relação que eu tive com o ex-Presidente Marin foi uma relação de convívio no futebol durante algum tempo. Eu o encontrava no Pacaembu raramente, uma vez ou outra. Convívio pessoal eu nunca tive com ele. De resto, então, não tive nenhum tipo de contato com ele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Eu vou passar a palavra ao Deputado Major Olímpio daqui a pouco, mas antes eu gostaria de pedir licença só para que nós possamos votar alguns requerimentos constantes na pauta.

Item 1. Requerimento nº 13, de 2016, do Sr. João Derly, que *“solicita convidar o Sr. Cristian Corsi, Diretor-Geral da Nike Brasil, para prestar esclarecimentos nesta CPI sobre a forma de negociação dos patrocínios da empresa com a Confederação Brasileira de Futebol”*.

O Sr. Deputado João Derly não se encontra presente. Alguém subscreve?
(Pausa.)

O Deputado Goulart subscreve.

Em votação o requerimento.

Os Parlamentares que o aprovam permaneçam como se encontram. (Pausa.)



Aprovado.

Item 2. Requerimento nº 104, de 2016, do Sr. Chico Alencar, que *“requer seja realizada audiência pública da Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a conhecer melhor a atual situação dos clubes brasileiros e a relação deles com a CBF”*.

O Sr. Chico Alencar não se encontra presente.

O SR. DEPUTADO DELEY - Sr. Presidente, eu subscrevo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Deputado Deley.

Em votação o requerimento.

Os Parlamentares que o aprovam permaneçam como se encontram. *(Pausa.)*

Aprovado.

Item 3. Requerimento nº 115/16, do Sr. João Rodrigues...

O SR. DEPUTADO GOULART - Quero subscrevê-lo, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - O senhor o subscreve?

Requerimento nº 115/16, do Sr. João Rodrigues, que *“requer a relação detalhada dos contratos celebrados entre a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) com outras entidades no período compreendido entre 2005 e 2016”*.

Subscreve o requerimento o Deputado Goulart.

Deputado José Rocha, V.Exa. também?

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROCHA - Não, eu me inscrevo para discutir.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Pois não, para discussão.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROCHA - Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, nesse requerimento, nós temos que ter o cuidado de não trazer para esta Comissão contratos que tenham cláusulas de confidencialidade ou que sejam protegidos pelo sigilo. Portanto, quero fazer essa ressalva na apreciação desse requerimento, e não só desse, mas de todos os outros requerimentos que tenham a oportunidade de ter cláusula de sigilo ou de confidencialidade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Quero só informar que todos os documentos que chegarem aqui com cláusulas de confidencialidade e sigilo serão mantidos sigilosos e confidenciais.



O SR. DEPUTADO ROCHA - Sr. Presidente, mas que o requerimento se atenha aos contratos que não tenham essas cláusulas. Que a CBF fique na obrigatoriedade de enviar aqueles que não disponham dessas cláusulas. Esta é a minha posição.

O SR. DEPUTADO DELEY - Eu queria dizer, Sr. Presidente, que eu respeito a opinião do Deputado José Rocha...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - O Deputado Deley com a palavra.

O SR. DEPUTADO DELEY - ... mas entendo que, no momento — até acabamos de ouvir a fala do meu querido amigo, e já aproveito para cumprimentá-lo, estava com saudades, há muito tempo que não via o amigo —, Deputado José Rocha, aqui é uma CPI, e a CBF passa por um momento extremamente delicado. Então, eu acredito que, se ela não tem nada para esconder, eu acho que também esta CPI teria direito, sim, de poder olhar tudo que se passa dentro da CBF, porque o que estamos vendo, cada dia mais, é essa entidade, que tem como símbolo a nossa Seleção Brasileira, perdendo o interesse da população brasileira. Ou abrimos e tentamos ajudar... Eu não sou magistrado, eu não sou policial, eu não sou juiz.

Eu sempre coloquei aqui aos nossos amigos da CBF, Kleber, que a minha intenção sempre foi a de construir. Você me conhece há 40 anos. Quantas vezes fui um crítico muito duro da Federação carioca, da época do Caixa d'Água?!

(Intervenção fora do microfone. Inaudível)

O SR. DEPUTADO DELEY - Os dois!

Eu acho, Deputado José Rocha, que ou abrimos essa caixa preta, ou vamos então vamos largar para lá. Fica lá a CBF, a Seleção... A hora que eles quiserem jogar com o Panamá, com Honduras, lá na África, eles continuam fazendo tudo isso. Até porque não é só por causa do 7 a 1. O 7 a 1 é reflexo dos desmandos e de uma desorganização que o futebol brasileiro sofre há tempos, dentro e fora do campo.

Então, nós estamos tendo uma oportunidade, quer dizer, há aí algumas Comissões a fim de tentar ajudar o futebol brasileiro. Eu sempre procuro participar das Comissões com o intuito de contribuir. Eu já tive algumas divergências do meu amigo Walter Feldman. Quando ele diz que as coisas estão bem, eu digo que não estão.



Então, eu acho que ou abrimos essa questão da CBF, ou então vamos largar, deixar a CBF viver na forma que ela quiser. A Seleção Brasileira vive da forma que ela quiser, mas que deixemos claro para a população que, infelizmente, eles não têm mais nada a ver com espírito e com sonhos que sempre depositamos no futebol brasileiro.

O SR. DEPUTADO ROCHA - Presidente, eu quero dizer ao ilustre Deputado Deley que não se trata de aqui querer impedir que se abra a caixa-preta, ou amarela ou vermelha, qualquer que seja. O que se tenta preservar não é a entidade CBF, mas as empresas que têm contratos com a CBF. Eu acho que, na medida em que essas empresas ficam expostas aos seus contratos de confidencialidade, que têm cláusula de sigilo, nenhuma empresa vai querer fazer mais contrato sigiloso, nem que tenha essas cláusulas. Então, é em relação às empresas, e não diretamente diz respeito à CBF. E mesmo porque se pode recorrer à Justiça, e a CPI ter que atender a uma decisão judicial.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudivio Carvalho) - Volto a repetir que os contratos com confidencialidade e sigilo serão mantidos sigilosos e confidenciais. Esse é o papel legal da CPI. Em chegando aqui esses documentos, eles serão mantidos sigilosos e serão mantidos confidenciais.

Com a palavra o Deputado Goulart.

O SR. DEPUTADO GOULART - Apenas quero dizer que, na reunião da semana passada, discutiu-se exaustivamente a respeito dos contratos de confidencialidade; será mantido o sigilo desses contratos. Até foi levantado pelo Deputado Major Olimpio, com muita propriedade, à época, que ficarão guardados a sete chaves na Presidência da Comissão. Portanto, eu não vejo motivo para não solicitar os contratos. Será mantido em sigilo aquilo que for de confidencialidade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudivio Carvalho) - Eu quero informar ao Nobre Deputado Chico Alencar que o seu Requerimento nº 104/2016 — que *“requer seja realizada audiência pública da Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a conhecer melhor a atual situação dos clubes brasileiros e a relação deles com a CBF”* — foi aprovado.

O SR. DEPUTADO CHICO ALENCAR - Sr. Presidente, só uma brevíssima observação.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Sim, Deputado Chico Alencar. Passo a V.Exa. a palavra.

O SR. DEPUTADO CHICO ALENCAR - Obrigado. Soube, inclusive, que o Deputado Deley defendeu, com o brilhantismo de sempre, o requerimento.

Eu queria fazer uma observação, porque, na semana passada, com o Secretário-Geral da CFB, nosso colega Walter Feldman, no final de uma indagação sobre máfia do futebol — e esta CPI foi apelidada assim, CPI da Máfia do Futebol —, eu fiz certa ironia. Aquele lado torcedor meio passional sempre aflora, ao mencionar não o Clube de Regatas Vasco da Gama, mas um dirigente a quem não me referi diretamente. E, olhem, muitos do Vasco começaram a me escarpelar lá no Rio de Janeiro, sobretudo! Eu disse que não devemos confundir nem a política com determinados comportamentos de políticos, generalizando, pois é sempre perigoso, e nem a tradição dos clubes de futebol com os seus dirigentes. É preciso sempre separarmos as coisas. Então, quero deixar bem claro que, embora notório torcedor do Flamengo, não fico nessas hostilidades. Eu torço até para o Vasco ser campeão da segunda divisão mesmo, e invicto, invicto! *(Risos.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - V.Exa. quer dizer que uma coisa é uma coisa outra coisa, não é?

O SR. DEPUTADO DELEY - Sr. Presidente, eu tenho um carinho pelo Deputado Chico Alencar e acredito muito em S.Exa., mas há dois anos que ele não ganha do Vasco! Não é isso, Deputado Chico Alencar? *(Risos.)*

O SR. DEPUTADO CHICO ALENCAR - Sim, é a vida! E já tivemos dirigentes complicados lá. Não estou me referindo ao Kleber, não. Teve um que já foi até preso, do Flamengo, do Flamengo!

O SR. KLEBER LEITE - Posso falar?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Não, o senhor não pode manifestar-se neste momento. Desculpe-me.

Em votação o requerimento.

Os Parlamentares que o aprovam permaneçam como se encontram. *(Pausa.)*

Aprovado.

Item 4. Requerimento nº 120, de 2016, do Sr. César Halum, que “*requer a relação dos contratos de prestação de serviços e convênios celebrados entre a*



Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e outras empresas e entidades, bem como a relação de funcionários e seus respectivos salários nos últimos 10 anos”.

Para encaminhar a matéria, concedo a palavra ao Deputado César Halum, autor do requerimento.

O SR. DEPUTADO CÉSAR HALUM - Sr. Presidente, muito obrigado pela oportunidade.

Meus nobres pares, esse requerimento segue na linha do requerimento anterior, que pede a relação dos contratos. Evidentemente, nós estamos procurando neste aqui a prestação de serviços e os prestadores de serviços da CBF, entre outras coisas, e a folha de pagamentos. Existem várias denúncias de funcionários que prestam serviços a outros entes muito distantes da CBF, que recebem por lá. Precisamos saber se isso é verdade ou não. Então, eu acho que esse é um ponto importante.

Havia outro requerimento nosso que eu pensei que iria entrar na pauta juntamente com este. É o que fala sobre a relação dos convênios e repasses da CBF com as federações estaduais. Sabemos que, nas federações dos pequenos Estados brasileiros, o voto do Presidente da Federação do Estado do Acre tem o mesmo valor do Estado de São Paulo. Portanto, existe uma relação nisso aí. Nós teríamos que observar, até porque eu tenho denúncias graves sobre a Federação no meu Estado, inclusive com manipulação de resultados, escolhendo que time que se classifica e que time que se torna campeão. Portanto, eu precisava do outro requerimento também.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Eu posso fazer um compromisso com V.Exa. Na próxima deliberativa, traremos o requerimento de V.Exa.

O SR. DEPUTADO CÉSAR HALUM - Certo, aquele que mostra essa relação com os Presidentes de Federação. De uns tempos para cá, até assalariados são. É notório, o Brasil inteiro sabe que há um salário para presidente de federação estadual, pago pela CBF. Tudo bem, dizem que é uma entidade privada, que nós não podemos interferir! Mas eu acho que, como disse o Deputado Deley, na linha do que disse o Deputado Deley, o futebol é a paixão do brasileiro. Nós movimentamos esse dinheiro todo porque os grandes patrocinadores da CBF o fazem, porque o



público lota os estádios, porque acompanha a Seleção Brasileira, e assim por diante. Então, o povo brasileiro precisa ter uma explicação sobre onde está essa movimentação de dinheiro louca. E é ruim para nós ficarmos sabendo que há brasileiros condenados no exterior, porque aqui dentro nós não demos conta de saber o que está acontecendo.

Portanto, eu pediria a todos os colegas a aprovação desse requerimento, aguardando muito que, na próxima sessão, o próximo requerimento, o dessa relação com as federações estaduais, também entre. Que possamos averiguar isso, sem nenhuma questão pessoal ou de querer massacrar a CBF, não. O intuito é sempre contribuir. Eu acho que há distorções. As distorções precisam ser corrigidas, para o bem geral da Nação.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Em discussão.

Com a palavra o Deputado Sandes Júnior.

O SR. DEPUTADO SANDES JÚNIOR - Sr. Presidente, a muitos que estão nos acompanhando agora quero fazer somente uma citação, porque talvez nem todos se lembrem disto. Apesar da minha afirmação de que Kleber Leite é um extraordinário profissional na área em que atua nos últimos anos — e digo “apesar” no bom sentido —, Kleber Leite é um dos maiores radialistas esportivos do Brasil. Começou como repórter esportivo, trabalhou na *Super Rádio Tupi*, na *Rádio Globo*.

É uma pessoa que esteve aqui — eu o estava acompanhando lá do meu gabinete — e fez a sua explanação, que a mim me convenceu. Para aqueles que estão acompanhando e não sabem, quero dizer que o nome Kleber Leite, ao se falar em futebol no Rio de Janeiro e no Brasil, é sempre lembrado como um professor do rádio na área esportiva, o nosso grande Kleber Leite!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Mais alguém deseja se pronunciar? (*Pausa.*)

Em votação o requerimento.

Os Parlamentares que o aprovam permaneçam como se encontram. (*Pausa.*)

Aprovado.

Passamos ao item 5, que é o último deles.



Item 5. Requerimento nº 123, de 2016, do Sr. Major Olimpio, que *“requer que esta Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) designe um grupo integrado por seus membros com a missão de ir à Suíça e estabelecer diálogo e compartilhamento de informações e dados com os órgãos governamentais responsáveis pelas investigações e processamento dos crimes que são objeto desta CPI”*.

Para encaminhar a matéria, concedo a palavra ao Deputado Major Olimpio, autor do requerimento.

O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO - Sr. Presidente, senhores membros desta CPI, eu acho fundamental — muito embora pelo Regimento da Casa não possa indicar no requerimento, mas eu acho que seria importante — estar com as autoridades suíças V.Exa., Sr. Presidente, o Relator e até o Deputado que foi o proponente inicial desta CPI. Seriam estes, minimamente. Ou talvez, na conveniência da Comissão, mais membros interagissem e compartilhassem esses dados, para que não ficasse uma situação — como já foi respondido por integrantes desse lixo da CBF, e que não deixou de ser lixo — de que esta CPI estaria se pautando por informações menores de um jornalista em relação a dados da Suíça, o que não é verdadeiro.

Eu acho isso importante e fundamental, até porque nós estamos falando de um esquema criminoso mundial engendrado pela FIFA. Esta CPI nasceu a partir da prisão de dirigentes, inclusive a do Presidente da CBF. O atual Presidente não pode acompanhar a Seleção, não pode sair do Brasil, porque senão vai ser preso. E tantos outros não ousam se aproximar dos Estados Unidos, a fim de não irem para a cadeia.

Eu acho fundamental que tenha membros desta Comissão compartilhando, verificando como as autoridades suíças identificaram e estão trabalhando em relação a isso. Da mesma forma, já foi aprovado requerimento para que os senhores possam... E eu digo “os senhores” porque não me voluntariei para nenhuma dessas comissões, tampouco para esta. Mas acho fundamental que esta CPI, para ter muita clareza e muita fundamentação na apuração desses crimes, possa ter a presença efetiva dos senhores naquela comissão.

Por isso, estou propondo este requerimento.

O SR. DEPUTADO GOULART - Eu queria subscrever o requerimento.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudivio Carvalho) - Em discussão.

Com a palavra o Deputado Goulart.

O SR. DEPUTADO GOULART - Quero somente subscrever o requerimento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudivio Carvalho) - Pois não, apenas para subscrevê-lo.

Alguém deseja inscrever-se para discussão? *(Pausa.)*

Em votação o requerimento.

Os Parlamentares que o aprovam permaneçam como se encontram. *(Pausa.)*

Aprovado.

Vamos para os debates, cumprindo as inscrições. O Deputado Major Olimpio é o primeiro a falar.

O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO - Sr. Kleber Leite, inicialmente, para dizer das interrogações que esta Comissão tem em relação à sua empresa e à sua conduta, o senhor não foi convidado, e sim convocado para estar nesta CPI.

O senhor já afirmou isso, mas eu insisto neste questionamento: qual é a sua relação hoje com o Sr. Ricardo Teixeira?

O SR. KLEBER LEITE - Deputado, talvez V.Exa. não estivesse aqui ainda.

O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO - Eu estava.

O SR. KLEBER LEITE - Estava?

O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO - Eu quero ouvir do senhor.

O SR. KLEBER LEITE - Eu tenho um profundo carinho. Eu diria que, muito mais do que carinho, tenho amor, amizade fraterna ao Sr. Ricardo Teixeira.

O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO - A empresa Klefer, pertencente ao senhor, obteve da CBF contrato com direito de todas as edições da Copa do Brasil entre 2015 e 2022. É certo isso?

O SR. KLEBER LEITE - Correto.

O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO - Existiu alguma tentativa ou alguma tratativa para pagamento anual de 2 milhões de reais a qualquer dirigente ou a algum dirigente da CBF em relação a esses direitos?

O SR. KLEBER LEITE - É claro que não.



O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO - Em relação aos contratos, houve, em algum momento, alguma intermediação ou participação nas tratativas do Sr. José Maria Marin?

O SR. KLEBER LEITE - Não, não. Nunca houve nenhum tipo de contato com as pessoas que assumiram posteriormente a CBF com relação a esse contrato. Ele foi desenvolvido por mim junto ao então Presidente Ricardo Teixeira.

O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO - O senhor afirmou que o Sr. J. Hawilla deve estar louco. Eu acho que ele é louco, mas não rasga dinheiro, muito embora tenha acordado com a Justiça americana devolver 190 milhões de dólares. Ele afirma, na delação dele que na investigação americana — até me surpreendeu o senhor falar que não tem conhecimento dela —, que tem 168 páginas...

Inclusive, Sr. Presidente, eu acho que essa denúncia deve ser... Os senhores estarão nos Estados Unidos, em nome da Comissão, mas é importante que ela faça parte desta CPI. Na denúncia o senhor é colocado como co-conspirador nº 6 pela Justiça americana.

O senhor realizou algum trato com a empresa Traffic para a aquisição e posterior venda de direitos de transmissão de jogos de qualquer torneio de futebol no Brasil? Em caso de resposta afirmativa, qual o torneio e quais foram as condições?

O SR. KLEBER LEITE - Deputado, foram inúmeros. A relação com a Traffic... Voltando ao item anterior colocado por V.Exa., consta meu nome como conspirador nº 5, 6 — eu não sei o número...

O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO - Seis, o senhor é o seis.

O SR. KLEBER LEITE - Seis. Não importa, poderia ser oito. Em função de um depoimento do Hawilla. Isso aí nada mais é que o depoimento dele, exclusivamente em função do depoimento dele. E aproveito até para sugerir — acho a ideia ótima — aos senhores irem aos Estados Unidos e se aprofundarem no tema. Sugiro que levem um psicólogo para fazer um teste de sanidade mental nele. Concluindo aqui, Excelência, para lhe dizer que foram muitos. Nós tivemos — eu já disse aqui no início — com a Traffic uma relação comercial extensa em que à Klefer competia, na relação comercial, o desenvolvimento logístico em questão e a parte de comercialização, que, modéstia à parte, é o forte da empresa. Foram vários.



Seria até... Eu enumerei vários aqui. Tivemos o Maracanã, o Morumbi, o Mineirão; fizemos eliminatórias da Copa do Mundo, pré-olímpico, enfim, uma infinidade de projetos ao longo do tempo.

O SR. DEPUTADO MAJOR OLÍMPIO - E nunca houve manifestações de insanidade ou de loucura por parte dele? Ele sempre foi um parceiro firme?

O SR. KLEBER LEITE - Não, sempre foi um parceiro, não.

O SR. DEPUTADO MAJOR OLÍMPIO - Em todos esses torneios?

O SR. KLEBER LEITE - Desculpe, parceiro firme fomos nós. O parceiro firme fomos nós. Inclusive, a vida inteira acreditamos no desenvolvimento que era feito rigorosamente pela Traffic. O parceiro firme, o parceiro leal, o parceiro que acreditou o tempo inteiro na dignidade dele fomos nós. Porque era desenvolvido pela Traffic, e, efetivamente, era uma empresa muito mais forte do que a Klefer, porque ela foi crescendo ao longo do tempo, alicerçada, sólida, e competia a ela todo o desenvolvimento numérico — coloquemos assim — de cada projeto desse. E fomos leais o tempo inteiro, acreditando sempre na palavra deles.

O SR. DEPUTADO MAJOR OLÍMPIO - Na delação dele ele afirma que sempre pagou propina em relação às atividades que desenvolvia. Nas parcerias com o senhor nunca?

O SR. KLEBER LEITE - Não, nunca, jamais. Deputado, por favor, eu gostaria muito que o senhor atentasse para o seguinte, que é importante: na nossa relação com a Traffic, competia à Kefler, exclusivamente, desenvolver o projeto. Ou seja, ganhamos a concorrência do Maracanã. Competia à Klefler desenvolver todo o projeto relativo ao Macaranã, cada pedaço do Maracanã no que diz respeito à publicidade. Competia à Klefler vender a publicidade. Quem entrava na concorrência era a Traffic. Quem mantinha o contato com quem de direito, em nível superior, era a Traffic, era basicamente o Hawilla. Eu nunca mantive nenhum tipo de relação no que o senhor está aí colocando. Nos projetos que nós fizemos, o que nos competia era o que eu acabo de afirmar. Agora, se ele afirma que pagou propina para alguém, quem sou eu para desmenti-lo? Ele sabe muito bem o que ele faz da vida. A meu conhecimento jamais chegou esse tipo de coisa, até porque nunca compactuamos com esse tipo de coisa.



O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO - Quem é o senhor para desmenti-lo? Mas ele afirma, em uns itens dessa delação de 168 páginas, que, para ganhar esses direitos de 15 a 22, o senhor pagou propina, da mesma forma que ele sempre fez.

O SR. KLEBER LEITE - Deputado, há um grande equívoco cronológico. Há de se ressaltar e entender que a participação da Klefer relativa à Copa do Brasil começou no dia 1º de janeiro de 2015. Quem desenvolveu, manobrou, pagou ou não pagou, fez ou não fez, até 31 de dezembro de 2014, foi a Traffic.

O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO - Mas o senhor ganhou esses direitos em 2011.

O SR. KLEBER LEITE - Ganhamos o direito em 2011.

O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO - Não foi a partir do...

O SR. KLEBER LEITE - O senhor ouviu... Talvez o senhor não estivesse aqui nesse exato momento em que eu coloquei aqui a maneira como nós conseguimos isso. O senhor estava aqui?

O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO - Sim.

O SR. KLEBER LEITE - Então está explicado.

O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO - O senhor sabe informar acerca de duas operações financeiras citadas pela denúncia da Justiça americana, uma de 5 de dezembro de 2013, falando em operações financeiras, uma no valor de 500 mil dólares e outra em 23 de dezembro, no valor de 450 mil dólares. A primeira, de 500 mil dólares, seria uma remessa de origem da sua companhia com destino a uma empresa fabricante de barcos de luxo, com conta em Londres, na Inglaterra. Aconteceu essa transferência?

O SR. KLEBER LEITE - Aconteceu, e eu só pude tomar conhecimento dela através do noticiário de imprensa, pelo fato de um jornalista ter me telefonado perguntando se eu era adepto de barcos, se eu tinha interesse em comprar algum barco. Somente por isso eu acabei sabendo. Nós temos relação comercial com uma empresa que hoje, provavelmente, é a principal empresa na área de desenvolvimento logístico de turismo, na parte esportiva, enfim. Acredito eu que a maioria absurda dos clubes brasileiros, das federações, confederações utilize essa empresa, porque é a principal empresa nesse desenvolvimento. Deputado, é muito importante que o senhor atente aqui para o seguinte: só para o senhor ter uma ideia,



no ano de 2015 nós fizemos 12 competições; tivemos algo como 3,4 eventos por dia; tivemos 188 profissionais envolvidos; tivemos 25 marcas expostas nos 27 Estados da Federação e em seis países diferentes; tivemos 714.250.800 de pessoas impactadas em função dessa imagem. Ou seja, nós fizemos um mundo de eventos. Desenvolvemos passagens de uma maneira gigantesca e hotelaria de uma maneira gigantesca. Isso é pago por nós. Por exemplo, a Copa Verde, uma das empresas a desenvolver a Copa Verde é a Klefer, que, aliás, foi a empresa que levantou a bandeira e ressuscitou... Perdão, Copa do Nordeste. Todo o desenvolvimento da Copa do Nordeste é feito por nós. Todo o desenvolvimento da Copa Verde é feito por nós. Isso demanda uma fortuna em passagens, estadas, etc. e tal. Nós temos com essa empresa uma relação que eu diria, sem medo de errar, que tem para lá de 20 anos, em que há uma confiança muito grande. Houve um determinado momento em que nós éramos devedores dessa empresa — eu fui saber depois, não sabia — e fui pesquisar para verificar o que o senhor está colocando. E nós tínhamos uma dívida que ia a quinhentos e vinte e poucos mil dólares com essa empresa, inclusive de jogos no exterior. E foi solicitado à Klefer — isso não passa por mim, é outro departamento — que fosse feito o depósito para o pagamento dessa dívida em duas contas distintas: uma de quinhentos 500 mil dólares e outra no valor de 20 ou 28 mil, uma coisa nesse sentido. É exatamente isso que eu estou colocando.

O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO - E em relação a esse valor de 450 mil dólares...

O SR. KLEBER LEITE - Esse eu desconheço, Deputado.

O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO - ... que teria sido um recebimento da Traffic para sua conta no Banco Itaú de Nova Iorque. Não aconteceu?

O SR. KLEBER LEITE - Não, eu não tenho conta em Nova Iorque.

O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO - No Banco Itaú?

O SR. KLEBER LEITE - Seria na conta da Klefer?

O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO - Sim, da sua empresa.

O SR. KLEBER LEITE - Não. Esse fato eu desconheço. Esse fato eu desconheço.

O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO - Desconhece...

O SR. KLEBER LEITE - Deputado, eu não tenho a noção exata...



O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO - A empresa do senhor não tem conta no Itaú de Nova Iorque?

O SR. KLEBER LEITE - Tem, tem. Não, porque o senhor falou: “pessoal”, “minha”.

O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO - Não.

O SR. KLEBER LEITE - Eu entendi dessa forma.

O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO - Recebimento da Traffic para a conta de vossa empresa no Banco Itaú, de Nova Iorque.

O SR. KLEBER LEITE - É. Trabalhamos com o Banco Itaú, sim, da maneira mais legal possível...

O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO - O senhor recebeu 450 mil dólares da Traffic, do J. Hawilla?

O SR. KLEBER LEITE - Eu não tenho a menor ideia. Eu tenho que verificar. Isso eu não tenho certeza. Da outra que o senhor me perguntou eu fui saber, porque saiu na imprensa, e o jornalista me telefonou. Eu fui verificar e respondi a V.Exa.; sobre essa, eu vou verificar e respondo na primeira oportunidade.

O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO - Ainda sobre essas contas mencionadas, o senhor pode informar se o Banco Itaú entrou em contato com alguém da vossa empresa para questionar as razões econômicas para uma empresa de marketing esportivo adquirir barcos?

O SR. KLEBER LEITE - Não, não... O Banco Itaú...

O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO - É, alguém do Banco.

O SR. KLEBER LEITE - Não. Nós fizemos... Tudo foi feito dentro da absoluta legalidade, pagando todos os impostos, como manda o figurino. Foi feito através de um depósito, com *invoice*, tudo como manda o figurino. Eu, pelo menos de meu conhecimento, que eu saiba — e também posso verificar se houve algum contato do Banco Itaú fazendo esse tipo de pergunta —, não.

O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO - Então, outra coisa: sobre uma transferência, por exemplo, de 450 mil dólares na conta de vossa empresa; são comuns na conta da empresa no interior? O senhor nem se lembra ou não sabe se foram depositados 450...



O SR. KLEBER LEITE - Eu não posso saber tudo o que acontece na empresa. O senhor está me trazendo um fato novo. Eu estou lhe respondendo, com toda a gentileza, que verificarei e lhe encaminharei da maneira mais rápida a resposta.

O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO - O senhor nos informaria se a sua empresa foi procurada por instituições estrangeiras de combate à lavagem de dinheiro ou por órgãos brasileiros, como a Polícia Federal, o Ministério Público, a COAF ou o Banco Central sobre essas movimentações?

O SR. KLEBER LEITE - Não. Nós tivemos uma medida de força, nós tivemos uma atitude grotesca, eu diria, quando... É aquele tal negócio, sabe Presidente, que se coloca. Naturalmente, o senhor está dando ênfase aqui com relação, por exemplo, ao respeito a um sigilo de contrato. Sobre esse tema, a empresa, um dia, recebeu a visita da Polícia Federal e do Procurador da República, sem nenhuma, sem que fosse, sem que sequer os advogados tivessem acesso ao motivo daquela empreitada, o que redundou num prejuízo significativo para a empresa. Nós ficamos um bom tempo com contas bloqueadas, tivemos problemas sérios para manter a nossa dignidade, pagando os nossos profissionais; tivemos que fazer das tripas coração para não inadimplir com os contratos que nós tínhamos. Agora, isso aí não termina aqui. Isso aqui vai ter um final. Isso aqui vai ter um final. Vai chegar um determinado momento em que essa conta alguém vai ter que pagar.

O SR. DEPUTADO DELEY - Eu quero pedir licença, Presidente e Deputado, só para corroborar.

O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO - Claro. É uma oportunidade.

O SR. DEPUTADO DELEY - Kleber, naquela ida da Polícia Federal à sua empresa, até hoje você não sabe de nada?

O SR. KLEBER LEITE - Não, não tenho um documento.

O SR. DEPUTADO DELEY - Porque...

O SR. KLEBER LEITE - Deley, não tenho um documento.

O SR. DEPUTADO DELEY - E os advogados?

O SR. KLEBER LEITE - Os dois advogados que estão aqui não conseguiram ter acesso a absolutamente nada. Eu nunca vi, na minha vida, nada parecido. Eu me sinto como se eu estivesse completamente desprotegido, como se nós estivéssemos



em um País sob ditadura, em que alguém chega num regime de força, impõe e faz o que quer. Isso não existe. Isso é uma brincadeira!

O SR. DEPUTADO DELEY - Até hoje você não sabe o motivo?

O SR. KLEBER LEITE - Eles não têm acesso a nenhum tipo de documentação até hoje. É formidável que haja aqui, que vocês possam ir lá e desvendar. Aliás, a caixa-preta está lá. Isso é que é caixa-preta.

O SR. DEPUTADO DELEY - Obrigado.

O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO - Eu prosseguiria... O senhor poderia transferir o sigilo dos contratos firmados pela sua empresa com a CBF para esta Comissão Parlamentar de Inquérito?

O SR. KLEBER LEITE - Deputado, eu os trouxe. Estão todos aqui. Com um detalhe: estão todos aqui, inclusive alguns que os senhores sequer imaginariam que existissem, porque são contratos paralelos de empresas que têm contrato com a CBF e que, em função do desenvolvimento profissional competente e sério que a Klefer faz, a Klefer é contratada para isso. Estão todos aqui, todos — inclusive, todos. Passo às mãos de V.Exa., Sr. Presidente.

O SR. DEPUTADO MAJOR OLIMPIO - Diante disso, eu me dou por satisfeito com as respostas, Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudivio Carvalho) - Eu registro o recebimento destes documentos e os repasso, de imediato, para a Secretaria da CPI.

Dando prosseguimento, concedo a palavra ao Deputado José Rocha.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROCHA - Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, quero cumprimentar o ilustre depoente, Kleber Leite, empresário da área de *marketing* esportivo. Conheço já há algum tempo a sua vida profissional não só de jornalista, de repórter, mas também na área empresarial e como Presidente do Flamengo.

Cumprimento, também, os senhores advogados, em especial o Michel filho, a quem quero dizer que tive a oportunidade de fazer um bom relacionamento com seu pai, Michel, quando fui Presidente do Esporte Clube Vitória.

Kleber, eu só queria que V.Sa. pudesse disponibilizar para esta Comissão, se ainda não o fez, os contratos que tem com a Liga do Nordeste.



O SR. KLEBER LEITE - Já estão aí.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROCHA - Todos?

O SR. KLEBER LEITE - Todos. Deputado, eu fiz questão de trazer, até porque é aquela velha história de “quem não deve não teme”. O senhor está me dando a oportunidade de colocar o seguinte: as pessoas precisam tomar um mínimo de conhecimento, porque não sabem o volume que isso representa. A Klefer paga de direitos à CBF hoje, pela Copa do Brasil, 17,6 milhões de reais, religiosamente em dia. Só que, além disso, são pagos 6 milhões, 549 mil e 963 reais em impostos. Além disso, são pagos mais 8 milhões, 941 mil e 748 reais em custos de produção e comercialização. Ou seja, na realidade, o custo real da Copa do Brasil para nós é de 26 milhões, quinhentos e quarenta e um mil e 748 reais.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROCHA - Não. Estou perguntando sobre a Liga do Nordeste.

O SR. KLEBER LEITE - Está ali. Eu estou falando da Copa da Brasil, a importância do volume da coisa. A Liga do Nordeste está ali, como já coloquei, da seguinte forma: nós não temos um contrato com a CBF para a Copa do Nordeste; quem tem o contrato da Copa do Nordeste com a CBF é a Liga do Nordeste. E a Liga do Nordeste contrata por empresas, grupo do qual a Klefer faz parte. Portanto, além dela, a Sport Plus, o Esporte Interativo e outra empresa chamada De Ponta. São essas as empresas que desenvolvem a Copa do Nordeste, por meio de contrato dessas empresas com a Liga do Nordeste — não com a CBF. Mas, como envolve a CBF, até essa eu trouxe.

O SR. DEPUTADO DELEY - Quanto você paga à CBF? Eu não ouvi.

O SR. KLEBER LEITE - À CBF são 17 milhões e 600 mil reais.

O SR. DEPUTADO DELEY - Ano?

O SR. KLEBER LEITE - Ano.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROCHA - A Klefer paga à CBF?

O SR. KLEBER LEITE - A Klefer paga à CBF, pela Copa do Brasil.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROCHA - E paga quanto à Liga do Nordeste?

O SR. KLEBER LEITE - À Liga do Nordeste eu não sei, porque é picado, pela importância de cada empresa. Mas está detalhado, está no contrato. Está aí.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Seguindo aqui a ordem de inscrições, concedo a palavra ao Deputado Deley.

O SR. DEPUTADO DELEY - Amigo Kleber, eu já falei do prazer em revê-lo. Realmente, tivemos grandes momentos na nossa vida. Estou feliz em te ver aqui, porque sei da tua luta. Agora, obviamente, Kleber — permita-me chamá-lo assim...

O SR. KLEBER LEITE - Pelo amor de Deus...

O SR. DEPUTADO DELEY - E você também está dispensado de me tratar por “Excelência”, até pelo nível de nossa relação.

Kleber, eu queria te perguntar o seguinte: hoje a Klefer detém quais direitos e de quais torneios de futebol?

O SR. KLEBER LEITE - Vou te dizer aqui. *(Pausa.)* Olha, é mais ou menos assim... Aqui, é o que era. Bom, de torneios de futebol, nós desenvolvemos hoje... Vamos por cabeça, porque está misturado e está meio confuso.

O SR. DEPUTADO DELEY - Vamos lá. Não tem problema.

O SR. KLEBER LEITE - Campeonato Carioca. Aliás, este ano foi um ano muito ruim, porque tivemos um prejuízo de 800 mil reais.

O SR. DEPUTADO DELEY - Mais um.

O SR. KLEBER LEITE - É. Foram 800 mil reais de prejuízo. Mas faz parte, não tem jeito. Foi um ano ruim. Detemos o Campeonato Carioca. Temos, em parceria com a empresa que desenvolve o Campeonato Paulista, a utilização do Publímetas, que é um produto nosso — aliás, é um produto espanhol, mas nós detemos os direitos para o Continente Sul-Americano. Também temos o Campeonato Gaúcho. Para o Campeonato Brasileiro tínhamos um contrato com a *TV Globo*, com relação ao Publímetas. Não foi renovado este ano. Até o ano passado fizemos. Temos, com a CBF, essa relação aqui. Prestamos serviços, com relação aos jogos amistosos da Seleção Brasileira, na parte de comercialização e na parte de logística. Desenvolvemos a Copa do Brasil e desenvolvemos as Eliminatórias para a Copa do Mundo. Há uma veia musical também que é bom não nos esquecermos. A empresa não tem só esse lado. A Klefer já foi detentora de uma casa de espetáculos no Rio — porque é uma veia pela qual sou apaixonado também —, que foi o Imperator e que continua hoje aí. Graças ao bom trabalho realizado pela Prefeitura do Rio, o Imperator continua vivo. Somos responsáveis por todas as



vindas do Paul McCartney ao Brasil. O maior show da história do mundo — um milhão e meio de pessoas na Praia de Copacabana — fizemos com os Rolling Stones. Realizamos um projeto maravilhoso, que deu início a tudo, com Lulu Santos, na época áurea dele — se bem continua sendo a áurea dele, porque ele é um gênio —, diretamente com a Coca-Cola, o *Coke In Concert*. E, hoje, como a Klefer continua com a veia musical continua, eu queria convidar o nobre e querido amigo foi excelência também no futebol — que pena que o meu time não tem um meio de campo como você, senão estava tudo resolvido, quando for ao Rio, ao Flashback, que e fica na Paul Redfern. Lá nós temos 6.500 coleções geniais de música do mundo inteiro, mais para nossa idade.

O SR. DEPUTADO DELEY - Kleber, a Libertadores não é contigo?

O SR. KLEBER LEITE - Não, nada com a Libertadores. Nunca tivemos nada, nada.

O SR. DEPUTADO DELEY - Nada. Agora, Kleber, você é uma pessoa que tem larga experiência, até porque já estive de vários lados do balcão do futebol — por assim dizer. O que você tem a me dizer sobre tudo isso? Infelizmente, hoje, o Presidente da CBF não pode viajar; o Marinho está com problemas; o Ricardo Teixeira tem problemas; temos pessoas da FIFA com problemas. E isso ocorre justamente nesse segmento onde você trabalha. É um dos grandes motivos de todos esses escândalos que temos e tem assistido. Qual é a visão do jornalista, do empresário, do cidadão, em relação a tudo isso a que estamos assistindo?

O SR. KLEBER LEITE - Essa foi a pergunta que eu mais queria ouvir, para ser sincero. Eu acho que, para começar, nós vivemos em um mundo hipócrita no futebol, onde a hipocrisia impera. Eu vou explicar: fui Presidente Flamengo durante 4 anos e durante mais 5 anos fui Vice de futebol. É paixão. Na paixão, tudo é admissível. Eu prejudiquei a minha empresa, tomei o tempo dela, porque, modéstia à parte, eu posso até não ter sido o melhor dos dirigentes, mas fui atuante. Jamais pequei por omissão, onde errei foi na ação. Eu estava presente a tudo, em todos os lugares. Futebol é minha paixão. Onde o Flamengo ia, lá estava eu. Sempre fiz isso, como Presidente ou como Vice-Presidente. O Flamengo jamais me pagou o hotel, porque eu nunca deixava. Era uma maneira de consertar. Tinha lá o trem da alegria, porque o clube gastava uma fortuna com um monte de penduricalhos que viajavam



de graça. Qual foi a maneira de cortar gastos? A partir do momento que eu assumi, eu pagava minha passagem. Eu era chefe e pagava minha passagem, pagava minha coca-cola no hotel e pagava meu quarto de hotel — todos. Não há uma nota no Flamengo assinada por mim de nada. Sabem o que é isso? Isso é paixão. Em clube, isso é admissível, porque a paixão é “clubística”. As pessoas se encantam e se apaixonam pelo clube. Pelo clube se dá a vida. Agora, veja a pergunta que eu faço a você: alguém dá a vida pela Liga Paraguaia? Alguém é torcedor da Liga Boliviana ou da CBF? Há uma torcida pela Seleção Brasileira. Eu até entendo que haja um lado de vaidade, porque dá prestígio também alguém ser Presidente da CBF, alguém ser Presidente da Federação Carioca, da Federação Paulista. Mas eu quero dizer o seguinte: em clube, tudo bem, tem que ser assim mesmo, como eu coloquei aqui; mas, com toda sinceridade, eu acharia absolutamente normal, perfeito, se o Presidente da Liga do Paraguai — que encontrou a Liga Paraguaia em determinada situação e conseguiu desenvolver um trabalho tão bom que propiciou à Liga Paraguaia um lucro fabuloso, seja ele qual for —, no final do ano, tivesse uma participação no lucro de maneira absolutamente correta; assim como o Presidente da Coca-Cola e o Diretor da AMBEV tem o bônus. Isso deve haver, até porque não há como esconder. Vários já confessaram alguns pecados, praticamente todos no Continente Sul-Americano, excetuando-se o Presidente da CBF, porque até agora nada foi comprovado contra ele — ao contrário do que ocorreu com todos os outros. Eu quero dizer que está na hora de as pessoas pararem com essa hipocrisia. Isso é um negócio. Clube não é; clube é paixão. Qualquer coisa que extrapole ao clube é negócio, sim. O mundo mudou. Você é da época em que havia um Presidente — ou é de um pouquinho antes, porque você chegou um pouquinho depois — da Federação Carioca de Futebol, chamado Octávio Pinto Guimarães, que era apaixonado pelo que fazia. A paixão dele era, no final do mês, saber que tinha dado mais renda no Rio do que em São Paulo. Eu chegava à cabine, e ele queria me convencer a dizer que não estava chovendo. E eu falava: “*Octávio, como eu vou dizer aqui que não está chovendo?*” E ele me respondia: “*Você não é do serviço de meteorologia; não tem que falar nada*”. E por quê? Porque ele queria que o público fosse ao estádio. Essa fase acabou. Naquele tempo também o dinheiro não tramitava; os clubes viviam da renda do jogo. O pai do Michelzinho foi um dos



responsáveis, junto com Márcio Braga, com Magaldi e com Walter Clark pela modificação disso, quando conseguiram fazer o Dr. Roberto Marinho entender que tinha que pagar, sim, para transmitir jogo de futebol. Aí a coisa começou a mudar e chegou ao patamar a que chegou hoje, em que fortunas são desenvolvidas no mundo do futebol e passam na cara das pessoas. Alguns sequer salário têm. É uma hipocrisia. Se um Presidente está lá, um diretor está lá, aquela diretoria conseguiu um lucro significativo, por que não remunerá-los, por que não ter a participação de uma maneira correta, pagando imposto? Que problema há? Agora será assim. Com o que está acontecendo no mundo, você não tenha nenhuma dúvida que isso vai ser o primeiro fato novo no futebol: as pessoas serão remuneradas em função de sua competência. Se, ao final do ano, deu prejuízo; ele não vai ganhar nada. Mas, se deu 1 milhão de lucro, ele vai ter lá os 5%, 8% do lucro do clube. O problema todo é esse: nós vivemos num mundo hipócrita, que felizmente está acabando.

O SR. DEPUTADO DELEY - Quando você fala isso, querido, você fala do Presidente do clube?

O SR. KLEBER LEITE - Do clube, não. Clube é paixão. O Flamengo, se quisesse mudar o mundo...

O SR. DEPUTADO DELEY - Mas por que não?

O SR. KLEBER LEITE - Eu não conseguiria.

O SR. DEPUTADO DELEY - Eu não estou afirmando. Outro dia eu pensava sobre isso: por que também não? A pergunta que eu te fiz, na verdade, foi outra. Você enveredou por outro caminho. Claro que é um tema apaixonante; o esporte, o futebol tem a sua paixão. Mas por que não o Presidente ganhar? Eu, por exemplo, não tenho nada. Havia um requerimento aqui querendo saber quanto o Presidente do CBF ganha, quanto o diretor ganha... Eu acho que eles têm que ganhar. Eu acho que o Presidente do Flamengo, assim como o Presidente do Fluminense; acho que todos têm que ganhar...

O SR. KLEBER LEITE - Eles têm que ganhar, mas têm que participar disso.

O SR. DEPUTADO DELEY - Ainda mais hoje que você está aí. Nós estamos votando uma série de leis, e o cara vai ter que responder com o seu patrimônio.

O SR. KLEBER LEITE - Claro.



O SR. DEPUTADO DELEY - Então, eu não sou contra, sou a favor. Eu, por exemplo, concorri, Arnaldo Jordy, na última eleição do Fluminense. Eu sabia que a minha condição para vencer seria muito difícil, mas era muito mais para marcar posição e mostrar alguns equívocos que eu via dentro daquela administração. Mas eu não tenho nada contra. E vou te falar aqui uma verdade: não me chame para ser; se for para eu ganhar nada, eu não vou. Eu sou um apaixonado pelo Fluminense. Ajudo o Fluminense naquilo que eu puder. Agora, ser Presidente de clube eu não vou. Primeiro, porque você tem que lidar com umas figuras insanas. Eu sei que não faz parte desta CPI, mas até para fazer um desabafo aqui: você viu, mais uma vez, que nós como Deputados temos que nos sentar e resolver esse problema — o mais rápido possível —, que é coisa absurda, que aconteceu aqui no estádio de Brasília e que acontece constantemente. Ninguém aguenta mais. São as mesmas figuras, os mesmos caras que vão aí. Nós vimos cenas horríveis, como temos visto outras cenas pelo País, não só no futebol. Aliás, nós temos vivido, de acordo com o Ministro Marco Aurélio, momentos muito estranhos, pois têm acontecido coisas aqui no nosso País.

Então, para encerrar, amigo Kleber: você está com algum problema para viajar ao exterior?

O SR. KLEBER LEITE - Eu não tenho nenhum problema. Eu não sou indiciado em nada, sequer sou acusado de algo. Há apenas uma citação, conforme foi colocado aqui — e nada além disso. Para que V.Exa. tenha ideia, Deley, nós tivemos que contratar — estamos gastando uma fortuna com advogado — um escritório de advogado nos Estados Unidos também. Sabem o que eles dizem para nós? Nada! Não dizem nada, porque eles não têm acesso a nada.

O SR. DEPUTADO DELEY - Esses são os seus advogados?

O SR. KLEBER LEITE - São os advogados no Brasil.

O SR. DEPUTADO DELEY - Quer dizer, eles não tiveram acesso ao que a Polícia Federal...

O SR. KLEBER LEITE - A nada.

O SR. DEPUTADO DELEY - Ao que o J. Hawilla falou?

O SR. KLEBER LEITE - A nada.

O SR. DEPUTADO DELEY - Está bom, Sr. Presidente.



O SR. KLEBER LEITE - Ouvimos dizer apenas. Ouvimos dizer.

O SR. DEPUTADO DELEY - Está bom, Presidente. Obrigado. Obrigado, Kleber.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudivio Carvalho) - Eu vou dar sequência aqui com os Deputados Edinho Bez, Sandes Júnior, Arnaldo Jordy e Chico Alencar.

Vou passar a palavra ao Deputado Edinho Bez, que, embora não seja membro desta Comissão, sempre nos traz falas positivas e contribuições muito importantes para a nossa CPI.

O SR. DEPUTADO EDINHO BEZ - Obrigado, Presidente Laudivio Carvalho, nosso amigo, nosso colega. Participo da Comissão do Esporte há mais de 12 anos. Na semana que vem, Presidente, Deputado Laudivio Carvalho, também participarei desta Comissão. Já acertei com o Líder do PMDB.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudivio Carvalho) - Seja muito bem-vindo, Deputado! Seja muito bem-vindo! Já recebe antecipadamente o nosso abraço aqui.

O SR. DEPUTADO EDINHO BEZ - Obrigado.

Muitas perguntas aqui já foram feitas. Então, já estamos prejudicadas. Até para ganharmos tempo, pois tenho uma reunião do PMDB imediatamente após este compromisso, quero dizer que concordo com o nosso convidado, Kleber Leite, quando ele diz que existe muita hipocrisia. Mas devo dizer que isso ocorre em geral. Fico satisfeito porque vocês sabem que isso também existe no futebol, que me parece uma caixa-preta. Entendo que há um desrespeito com a paixão, com os torcedores brasileiros.

Do jeito que estão as coisas, Sr. Presidente, sugiro que se criem critérios antes de viajarmos para Suíça, porque não se sabe mais quem volta. *(Risos.)* Então, seria bom que olhássemos bem direitinho, porque, do jeito que andam as coisas, com tantas denúncias, mandados de prisão, prisão de gente a toda hora — ou ameaças, sem que nada aconteça —, acho bom prestarmos atenção em todos os sentidos. Quanto às notícias de hoje, por exemplo, acho também um desrespeito. Não estou entrando no mérito, quem cometeu erros tem que pagar. Eu fico à vontade porque não respondo a processo. Eu entendo que é bom estabelecermos critérios nesse sentido, porque está demais! Há muita hipocrisia também.



Se, por acaso — e não é preciso ser autoridade —, alguém tiver que entrar num toalete, num banheiro público — porque está com dor de barriga, por exemplo — e tiver que furar a fila, principalmente se for Ministro, Prefeito, Governador ou Deputado, ninguém quer saber as razões por que ele furou a fila. Então, há uma hipocrisia generalizada.

Por isso, Kleber, muito picareta está tomando conta do País. As pessoas boas, honestas, corretas, competentes, inteligentes que conhecemos — e digo isso porque estou no sexto mandato de Deputado Federal, fora os de Deputado Estadual, em Santa Catarina —, pelas quais torcemos, brigamos, não querem entrar na política. Isso ocorre por causa dessas coisas: um mandato expõe a família, expõe o seu nome. Na minha cidade, Tubarão, em Santa Catarina, eu fiquei 8 meses procurando um candidato a Prefeito diferente lá. Mesmo com apoio dos políticos, de empresários, de alguns segmentos, ninguém quis ser candidato. Mas alguém vai ser Prefeito. Depois, ficamos chorando e reclamando que o cara é incompetente, que não há gestão pública. Mas nós não nos preparamos. E nós não sabemos que somos donos do País. Eu costumo dizer nas minhas palestras que uma criança, quando nasce, já é sócia do País. Está ali o nosso futuro. Mas quem sabe disso? A maioria não tem consciência. Parece que o poder público não tem nada a ver com ele — meu Deus! Portanto, nós temos que participar.

O desrespeito ao juiz de futebol também é um tema a ser abordado. Mas vou me ater aqui ao tema — e fiz aqui um resumo — porque as outras perguntas foram respondidas.

Primeiro, reconheço que o Kleber Leite, muitas vezes, já narrou gols fantásticos do meu Botafogo. Como grande repórter esportivo, você é conhecido no Brasil inteiro, assim como o José Carlos Araújo e tantos outros. Nós gostamos do futebol. Meu pai chegou a jogar no Coritiba. Então, há uma tradição nossa. Infelizmente, nós estamos devagarinho perdendo o gosto pelo futebol. No ano passado, eu só fui a um jogo do Botafogo, porque foi realizado aqui. Quando nós ganhamos, falei com o presidente — gente boa. Naquele jogo fomos campeões e voltamos à primeira divisão. Agora, o Botafogo já é lanterna de novo no campeonato. Ou seja, temos que abrir o olho do presidente. Fale com ele que estamos todos preocupados aqui.



Quero perguntar o seguinte, Kleber: você sabe se, para muitos jogadores que foram convocados para jogar pela Seleção Brasileira, houve tráfico de influência de presidentes e de técnicos para valorizar o jogador? E isso ocorre porque ele é vendido depois, porque já jogou na Seleção Brasileira.

Existe essa insinuação — ninguém aqui está afirmando isso — de que muitos jogadores são convocados, e o técnico não tem poder para isso, por influência da CBF ou de empresários atravessadores, para que ele entre no jogo, jogue duas partidas e depois não apareça mais. Mas, como ex-jogador da Seleção Brasileira, ele é valorizado e é vendido para a China, para o Japão ou para outros países. Quero saber se V.Sa. tem conhecimento disso, porque há essa suspeita.

E há algo que não entendo: o Romário era desta Comissão, viajamos várias vezes com tantos outros colegas aqui, e todos que me acompanham sabem do que vou falar, porque venho repetindo e vou continuar repetindo: a Espanha foi campeã mundial porque ficou durante 4 anos treinando e jogando com os mesmos jogadores. Podem verificar que foram 24 ou 30 jogadores convocados, e continuaram os mesmos, não teve esse negócio de trazer mais alguém. O mesmo ocorreu com a Alemanha, que nos empurrou 7 x 1, que está engasgado até hoje, porque não dá para entender isso. E, quando encontramos alguém deles, eles perguntam: “E o 7x1? E o gol da Alemanha?” Enfim, são brincadeiras que fazem parte do jogo. Mas a Alemanha foi campeã aqui no Brasil, no ano passado, depois de 5 anos jogando com o mesmo time. Será que a CBF — e dirijo-me a você também, Kleber — ou alguém lá não dá esse alerta, ou seja, de que precisamos escolher 30 jogadores, dos melhores que temos no País, para ficar treinando sempre com esse mesmo time? Eu desafio qual brasileiro saberá escalar a Seleção Brasileira. No meu tempo, eu sabia; meu pai também sabia. Nós sabíamos. Eram os mesmos jogadores, com raríssimas exceções. Agora não. O Dunga escalou agora uma Seleção totalmente diferente da antepenúltima. Como nós vamos formar uma Seleção, se a gente sabe que, além da técnica, da competência, da qualidade e do talento do jogador, também o conjunto é fundamental? E os jogadores devem saber se posicionar e se colocar, assim como saber receber. Isso é treino, isso é prática, como acontece em todas as profissões. A pergunta é essa: por que nós não repetimos os mesmos jogadores? É para ganhar dinheiro mesmo? É influência para



contratar jogadores, para depois esses jogadores serem vendidos? É influência do empresário? É influência do presidente do clube? É influência do técnico? É influência da CBF? Quem é que está certo e quem está errado, se realmente isso existe?

O SR. KLEBER LEITE - Sr. Deputado, a pergunta é complicada, até porque ela é muito ampla. Ela é muito ampla. Não posso negar ao senhor que há clubes cuja finalidade precípua é a de formar jogador para vender e fazer dinheiro. É evidente que sim.

O SR. DEPUTADO EDINHO BEZ - Não, mas isso é outra coisa.

O SR. KLEBER LEITE - Claro que há gente que faz isso e que tem esse tipo de filosofia.

O SR. DEPUTADO EDINHO BEZ - Estou falando de Seleção Brasileira, Kleber.

O SR. KLEBER LEITE - Não, não. Eu não posso admitir que um treinador de Seleção Brasileira vá compactuar com uma patifaria dessas. É uma patifaria prestigiar ou dar gás a um determinado jogador, para colocá-lo no clube, para obter uma vantagem. Não posso admitir que...

O SR. DEPUTADO EDINHO BEZ - Mas essa é a imagem que se tem.

O SR. KLEBER LEITE - Não, não. No futebol, Deputado, há muita maledicência também. Pode até ser que alguém não goste do Dunga, e eu respeito essa opinião — e cada um tem a sua opinião com relação a um treinador. Mas eu não consigo ver...

O SR. DEPUTADO EDINHO BEZ - Não, mas o Felipão fez da mesma forma.

O SR. KLEBER LEITE - Não, não. Mas eu não consigo ver... O Dunga não tem a personalidade de quem se submete a esse tipo de coisa. Duvido. Duvido. Ele pode convocar mal, mas aí é o lado pessoal. Eu, por exemplo, acho que é um absurdo não chamar o Marcelo, que joga no Real Madrid, e é o melhor lateral do mundo. Enfim, mas isso é uma questão pessoal, uma questão de opção, questão de gosto. Continuo achando que é um grande equívoco o zagueiro que falhou na Copa do Mundo, que não foi bem na Copa — mas que, para mim, é o melhor zagueiro do mundo —, não fazer parte da Seleção. Acho um grande equívoco, porque não há ninguém melhor do que ele. Mas o treinador é ele. Mas são opiniões, nada além



disso. Agora, afirmar que o Dunga tem interesse em colocar um jogador em um lugar para obter vantagem, eu não...

O SR. DEPUTADO EDINHO BEZ - Não, mas eu não disse isso. Há insinuações, eu não afirmei.

O SR. KLEBER LEITE - Não estou dizendo isso. E há insinuações, sim. Claro que há. Volta e meia há algum tipo de insinuação até mesmo da imprensa. Alguns deixam escapar alguma coisa assim. Eu não acredito nisso. E acho que ele não tem cara disso, não tem personalidade para isso. Ele me parece uma pessoa digna.

O SR. DEPUTADO EDINHO BEZ - Muito bem. Mas o Felipão — e essas coisas não dá para entender — convocou quatro jogadores uma semana antes da Copa do Mundo no Brasil. Isso para mim é de grande irresponsabilidade para um técnico — e que me desculpe ele, que foi treinador do único time de Santa Catarina campeão da Copa do Brasil, e lá ele fez o nome. Mas não dá para entender como é que um técnico da Seleção Brasileira — com os jogos sediados no Brasil, com o mundo inteiro voltado para nós, com mais de 2 bilhões e 500 milhões de telespectadores; e era a previsão do estudo que nós tínhamos —, faltando uma semana para o torneio, ainda convocou mais quatro jogadores. O Maicon, que é lá da minha terra, entrou na última hora e, inclusive, jogou na Seleção sem ter sido treinado e se preparado. Então, essa coisa não dá para entender. Cópia da Espanha! Cópia da Alemanha! Entendeu, Kleber?

O SR. KLEBER LEITE - Eu acho que você está sendo muito feliz nessa colocação final, que também é meu conceito, porque é dado ao treinador um poder de decisão que não deveria ser tão grande. Eu acho que, se você tem uma equipe participativa, o diálogo é fundamental na vida. O sujeito que acho que sozinho sabe tudo, convenhamos, está a meio caminho de ir para o buraco, de ir para o precipício. Eu acho que se dá realmente no Brasil muito mais força ao treinador do que se deveria dar. Já aconteceu isso comigo quando dirigente do Flamengo, não ainda como Presidente, mas como Vice de futebol. Houve uma passagem em que nós jogamos uma partida pela decisão do Carioca. Jogamos e ganhamos aqui. Iríamos jogar, em seguida, na quarta-feira, no México, pela Taça Libertadores da América. Chegamos ao hotel na véspera do jogo, eu estava no bar tomando um café quando chega o supervisor do Flamengo e diz: *“Olha, nós temos um problema: vai jogar*



amanhã o time misto, o time reserva.” Eu disse: “O quê?” “Vai jogar o time reserva porque ele queria preservar o time para decidir o Carioca.” Eu disse: “Chame-o aqui!” Ele veio, o treinador. Eu disse: “Como é que é isso?” Ele disse: “Nós vamos preservar o time, para colocá-lo na decisão, porque falta um jogo para sermos campeão.” Eu disse: “O Flamengo foi campeão carioca 33 vezes; da Libertadores, uma. Se tiver que sacrificar, vamos sacrificar. Aliás, você escala; agora, a filosofia é do clube. O time principal é que vai jogar”. É muito pessoal isso, porque tem gente que deixa. Tem gente que tem vergonha de perguntar ao treinador qual é o time que vai jogar. O dirigente tem que perguntar sim! Que história é essa? Por que não vai perguntar?

O SR. DEPUTADO EDINHO BEZ - Porque ele é o presidente.

O SR. KLEBER LEITE - Claro! Lógico! Para você ter uma ideia, tem gente que tem vergonha de perguntar. Por isso, o treinador tem um poder maior do que deve.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Vamos encerrar.

O SR. DEPUTADO EDINHO BEZ - Estou encerrando, Sr. Presidente.

Mas nós voltaremos a discutir esse assunto. É muito importante. Fica a sugestão. Eu venho falando há muito tempo, há 12 anos, nesta Comissão — é só olhar as notas taquigráficas e as gravações, pois o Romário concordou comigo um ano e meio antes da Copa do Mundo. Eu disse: *“Eu quero errar, mas eu quero errar mesmo: acho que o Brasil vai atuar mal, porque ele não tem uma Seleção”*. Eu venho acompanhando e deixo registrada a minha sugestão. V.Sa. tem mais conhecimento e também, de repente, mais influência para dar a sugestão dada por mim aqui, porque há um inconformismo de não termos a mesma Seleção Brasileira treinando e jogando. Fica aqui essa sugestão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Vou fazer uma pergunta ao Sr. Kleber Leite: o senhor, que veio do rádio, assim como o meu companheiro Deputado Sandes Júnior, que tem uma das mais belas vozes do rádio lá de Goiás...

O SR. KLEBER LEITE - Como a do nosso Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Aí é bondade, é bondade.

O SR. KLEBER LEITE - Foi companheiro do Osvaldo Faria — não foi?



O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudivio Carvalho) - Exatamente.

O SR. KLEBER LEITE - Esse era um gênio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudivio Carvalho) - Osvaldo Faria. Eu trabalhei com ele durante muitos anos na Rádio Itatiaia.

Eu gostaria de fazer uma pergunta ao senhor: o rádio e a televisão conseguem influenciar na valorização de um jogador de futebol com os seus comentários?

O SR. KLEBER LEITE - Claro! Sem dúvida! Imagina! É evidente! Sem dúvida alguma! Consegue influenciar e de uma maneira decisiva. Até porque, seja o rádio, seja a televisão, é um meio formador de opinião. Imagina o que representava um elogio do João Saldanha! Era uma coisa fascinante. Imagine o Osvaldo Faria enchendo a bola de um jogador. É evidente! Caramba, é uma coisa... É como o Galvão Bueno, que hoje tem um peso de comunicação que é uma coisa espantosa, maravilhosa. Enfim, claro que influencia. E como!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudivio Carvalho) - Deputado Sandes Júnior, uma das mais belas vozes do rádio brasileiro, faça o uso da sua voz, faça o uso do espaço aqui na CPI, Deputado.

O SR. DEPUTADO SANDES JÚNIOR - Vou fazer uma pergunta ao Kleber fora da CPI, aproveitando a presença dele aqui, pela experiência que tem por estar há tantos e tantos anos no futebol. Ele falou da hipocrisia do futebol e relatou muito bem.

V.Sa. acha que, nesse caminho gradual e progressivo da profissionalização do nosso futebol, vamos chegar a um determinado momento em que um presidente e sua diretoria — já que o diretor de futebol é pago, assim como o técnico e o auxiliar —, num curto espaço de tempo, não sei precisar quando, serão também pagos? Essa paixão ficará um pouco de lado?

O SR. KLEBER LEITE - Não será comigo. Eu acho isso muito pessoal. Eu jamais me veria servindo ao Flamengo e ganhando do Flamengo fosse o que fosse. Comigo ele jamais seria. Eu não estou dizendo que estou certo, mas muita gente pensa como eu. Há muitos dirigentes que estão ali por paixão, muitos dirigentes. É um grande equívoco, além de ser injusto, imaginar... Eu acho que as pessoas confundem o deslize de algum dirigente, como há o deslize político... Mas, afinal,



são seres humanos, e a grande maioria não é assim. Nós estamos falando de exceção. Há muitos dirigentes de futebol sérios. Claro que podem acertar e podem errar. Estou falando de seriedade. Não sei, mas eu acho que se tem que mudar os estatutos dos clubes. No Flamengo, o Presidente do clube não pode ser remunerado, a não ser que se mude o estatuto. No Flamengo, no Vasco, no Corinthians, e por aí vai.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudivio Carvalho) - Sr. Kleber Leite, o que faz um dirigente de esporte — como o senhor foi — e empresário desanimar com o futebol no Brasil hoje?

O SR. KLEBER LEITE - Não, eu não desanimo. Desculpe-me, Sr. Presidente, eu não desanimo, não. Eu sou um apaixonado, eu acho que tudo tem solução. Às vezes, a solução está na cara da gente, mas a gente não consegue enxergar. Mas eu vejo, com otimismo, que o Brasil continua sendo um celeiro extraordinário de jogadores. A prova percebe-se na quantidade de jogadores brasileiros que participaram da competição mais importante do mundo, recentemente, que o Real Madrid ganhou. Foi uma quantidade enorme. Eu não sei, eu acho que o futebol brasileiro... Nós estávamos caminhando para ser um País com uma economia mais forte, mas regredimos um pouco. Enfim, a economia está equilibrada, e tudo gira também em função da economia. Cada um dos clubes de futebol brasileiros, mesmo tendo condições, hoje paga uma conta do passado. Mas, isso se ajustando, eles vão poder ter um enfrentamento melhor, principalmente com relação aos clubes europeus. Os jogadores estão saindo daqui muito jovens.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudivio Carvalho) - Tem a palavra Deputado Arnaldo Jordy.

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Obrigado, Sr. Presidente Laudivio.

Sr. Kleber Leite, nosso convocado, eu vou ser muito lacônico, porque muitas perguntas com as quais eu iria inquiri-lo já foram aqui abordadas.

Nós estamos aqui na CPI da Máfia do Futebol. Acho que esse é o título oficial desta Comissão Parlamentar de Inquérito. É evidente que o futebol brasileiro... Talvez, não o futebol, mas a CBF, a burocracia e a cartolagem do futebol brasileiro têm as suas digitais bastante presentes na chamada máfia do futebol mundial. Há dois ex-Presidentes presos, além de todos os outros escândalos, que já vêm desde



João Havelange, de Ricardo Teixeira e, agora, do Marin, etc. Portanto, nós não somos um ser alheio. Não estou falando da Seleção, dos jogadores ou dos dirigentes propriamente ditos, mas o futebol brasileiro tem a sua digital presente na máfia do futebol mundial.

Eu acho também que ainda há muita coisa desajustada — algumas já foram pontuadas por V.Sa. aqui e, dessas, com algumas também eu concordo — e muita coisa ainda a ser desnudada. O senhor deu o exemplo de que, apesar de não ser o seu caso, alguns dirigentes de algumas agremiações podem e, em caso de federações, devem ser remunerados, até porque isso vai lhes dispensar tempo e uma série de outras coisas. E eu também, igual a V.Sa. e acho que a muitos aqui, não vejo nenhuma anomalia nisso. Ao contrário, eu acho que é justo. O problema é que nós não temos transparência suficiente nessas relações que permitam essa obviedade de ser tão segura. Há uma relação, em geral promíscua — e aí não é exceção, é regra —, naquilo que poderia ser óbvio, como essa afirmação que o senhor faz aqui, e acho que aqui todos concordam com ela. Um sujeito se dedica, e isso exige o seu tempo, a sua dedicação, o seu empenho, muitas vezes a sua saúde até, por conta de a atividade ser muito espinhosa. Nada mais justo do que haver uma remuneração mensal, uma participação ou um bônus sobre os lucros dos negócios, dos resultados financeiros. Agora, o grande problema é que nós não vemos transparência. Há uma relação de desconfiança, quase sempre, pelas espertezas que ocorrem, em geral, nesses meganegócios, seja na Copa, seja na Olimpíada, em todos esses grandes eventos. Sr. Kleber Leite, o senhor sabe disso tanto quanto ou mais do que nós, porque está no *métier*. O senhor sabe que a maioria, que a grande maioria desses grandes eventos gera escândalos de ordem policial no Brasil.

A exposição que o senhor fez até aqui, pelo que eu entendi — se eu estiver equivocado, o senhor, por favor, faça o reparo devido —, é sobre essa relação com a Traffic, que foi o pivô dessas denúncias. O senhor disse que, em resumo, se há uma banda podre ou alguns negócios suspeitos, ou não republicanos, isso ficou na banda da Traffic. Na parte logística e operacional, que era o que cabia à Klefer, não há nenhuma irregularidade. O senhor sequer sabe exatamente quais são as razões



alegadas para estar sendo envolvido. Pelo que eu entendi do que o senhor disse, foi isso.

Eu queria lhe perguntar se o senhor teve bloqueio dos seus bens pela 9ª Vara Federal Criminal do Rio de Janeiro. O senhor confirma isso?

O SR. KLEBER LEITE - Houve um bloqueio não na minha conta pessoal. Houve um bloqueio na conta da Klefer.

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - O senhor sabe as razões desse bloqueio?

O SR. KLEBER LEITE - Não, até...

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - O senhor poderia nos dizer quais são os motivos que levaram ao bloqueio dos bens da Klefer?

O SR. KLEBER LEITE - Nenhum, nenhum. Não tivéssemos nós recorrido ao Judiciário — porque felizmente este é um País livre —, com certeza absoluta eu não estaria mais aqui hoje como um dos sócios da Klefer, porque ela não existiria mais, porque não teríamos cumprido as nossas obrigações, porque era humanamente impossível. E isso foi no exato momento em que nós tínhamos feito um empréstimo ao Banco Itaú para saldar alguns compromissos que eram inevitáveis, além de todos os problemas naturais já alocados, com verbas alocadas e tal. Enfim, até hoje, como o senhor, eu não tenho a menor ideia por que foi feito. Mas foi reparado. Evidentemente, em determinado momento, como há Justiça neste País, foi reparado, e a vida seguiu, com muito sacrifício.

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Foi reparado o que, exatamente?

O SR. KLEBER LEITE - Foi desbloqueada a conta.

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - O senhor está dizendo aqui que o senhor não tem a menor noção do motivo do bloqueio das contas?

O SR. KLEBER LEITE - Não, nenhuma, nenhuma. Foi ato contínuo. O primeiro ato foi a invasão. Aquilo foi invasão, foi uma grosseria que se verificou. A própria Justiça já reconheceu isso. Da mesma forma, a conta foi bloqueada de uma maneira insana, sem que ninguém tivesse qualquer tipo de conhecimento com relação a isso.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)



O SR. KLEBER LEITE - Foi uma decisão judicial atendendo a uma solicitação dos Estados Unidos.

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Sim, mas houve uma decisão da Justiça brasileira, que foi sensibilizada pelo FBI, salvo engano.

O SR. KLEBER LEITE - Foi revogada em seguida.

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Depois de quanto tempo foi desbloqueada?

O SR. KLEBER LEITE - Foi um bom tempo. Foi anulada, não foi revogada. Foi anulada uns três meses depois.

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - O senhor — quando digo “o senhor”, leia-se “a sua empresa” — teve alguma relação com o Sr. Hugo Jinkis, da Argentina? O senhor poderia nos dizer exatamente o que foi esse relacionamento?

O SR. KLEBER LEITE - Claro. Todos os contratos foram encaminhados a esta CPI. Qualquer relação que a gente tenha com a CBF ali está. Um deles é esse. Houve um determinado momento em que nós entendemos que seria extremamente interessante que nós pudéssemos ter, a cada ano, o principal confronto do nosso Continente. Havia antigamente a chamada Copa Roca. Seria uma reedição da Copa Roca, mas se descobriu — eis o porquê do “não” à reedição — que Roca era um general que matou muito índio na Argentina e era odiado. Então, mudamos isso e criamos uma competição chamada Superclássico das Américas, mais ou menos imitando o que acontece na Argentina com Boca Juniors e River Plate, que é o Superclássico. Naturalmente, nós precisávamos de um apoio na Argentina. Fizemos então uma sociedade com a Full Play, empresa cujo presidente é a pessoa mencionada pelo senhor, e desenvolvemos o Superclássico das Américas, com a Klefer cuidando das coisas no Brasil e com a Full Play cuidando das coisas na Argentina.

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - O senhor teve algum tipo de intervenção no acordo entre a empresa de J. Hawilla com Hugo Jinkis, na questão do imbróglio das federações com a Copa América? O senhor poderia nos revelar o que foi essa participação da Klefer nesse episódio?

O SR. KLEBER LEITE - Deputado, não houve participação da Klefer, porque não há nenhum tipo de interesse. Nunca houve participação da Klefer com relação à



Copa América. Não temos esse direito. Então, houve o imbróglio que eu citei aqui, entre Traffic, Sul-Americana, federações, etc. Eu senti que as partes começavam a ficar preocupadas em não ter uma solução para o problema. O máximo que eu fiz foi ceder o escritório da Klefer, a sede da Klefer — se não estou equivocado —, para que houvesse dois ou três encontros entre o Hawilla e Hugo Jinkis, até que eles se entenderam. Daí partiu uma sociedade entre eles, na qual nós não temos nenhum tipo de participação.

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Sim, mas qual o seu interesse?

O SR. KLEBER LEITE - Nenhum, nenhum.

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - O senhor fez isso por...

O SR. KLEBER LEITE - Fiz isso meio que por uma solicitação deles próprios, que estavam gastando também — falo isso aqui, mas é até meio desagradável, porque estou aqui com dois advogados —, gastando uma fortuna com advogados lá nos Estados Unidos, que não estavam chegando a lugar comum nenhum. Apenas promovi o encontro dos dois, e depois vários outros encontros seguiram-se, sem que fossem realizados aqui no Rio e nem na Klefer.

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Sr. Presidente, eu queria aproveitar o tempo que me resta — serei muito sucinto —, aproveitando para fazer o requerimento, que o Regimento me permite ser de forma oral, para que esta CPI possa requisitar ao titular da 9ª Vara Federal Criminal do Rio de Janeiro as razões relativas ao bloqueio dos bens relativos a essa intervenção feita...

O SR. KLEBER LEITE - Perdão, Deputado. Não foi dos bens, mas da conta.

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Foi da conta — perdão — da Klefer por esses 3 meses, *grosso modo*, solicitando as informações precisas dessa intervenção, para que possamos ter essas informações no âmbito da CPI.

O SR. KLEBER LEITE - Apenas como colaboração, seguindo informação do Dr. Rafael, lembro que quem fez essa modificação foi a segunda instância.

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Sim. Tudo bem, mas o bloqueio foi feito pela 9ª Vara. Então, quero perguntar a razão, já que o nosso depoente não sabe informar os motivos que levaram a esse bloqueio. Está certo?



O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Eu acato o pedido verbal de V.Exa., mas solicito que V.Exa. faça um requerimento por escrito, para que possamos prosseguir de forma oficial.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Sr. Presidente, sei que cheguei meio fora de hora. Desculpe-me por isso. Só queria saber se há tempo de fazer alguma pergunta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Claro! V.Exa. já está previamente inscrito.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Aliás, eu fui um dos primeiros a chegar, mas, como a sessão não havia começado, eu acabei me retirando.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Nós recebemos alguns expedientes, dentre eles um da Presidência da Câmara dos Deputados, encaminhando o inteiro teor do relatório final não votado da CPI da CBF/Nike, em atendimento ao Requerimento nº 68/2016, de V.Exa.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Muito obrigado.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, saúdo o nosso convidado... Ah! O Deputado Chico estava inscrito antes de mim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Antes de V.Exa., falará o Deputado Chico Alencar. Na sequência, falará V.Exa., Deputado Silvio Torres.

O SR. DEPUTADO CHICO ALENCAR - Já que estamos no ambiente do futebol, os paulistas sempre querem passar a perna nos cariocas. *(Risos.)* Querido Silvio, V.Exa. sabe que é uma brincadeira.

Bom, permita-me tirar todas as excelências e senhorias. Tenho essa liberdade de me dirigir ao Kleber para perguntar três coisas básicas. A primeira é mais a título de ilustração para nossas reflexões nesta CPI.

Você, que já viveu o jornalismo esportivo, ou o radialismo esportivo, que o projetou pela sua competência na função, depois, o mundo dos dirigentes de futebol, que chamamos de cartolas, e, por fim, o mundo dos negócios do futebol... Não vai aí nada pejorativo em relação aos negócios, porque o futebol cada vez mais tem se tornado uma empresa. Quando você confirmou que um elogio de um comentarista de futebol valoriza o atleta, eu fiquei pensando se, a exemplo das músicas — às vezes havia um jabá para a pessoa tocar uma música, para o antigo disco, bolacha



ou o CD vender —, isso existia antigamente. O Saldanha, eu imagino, jamais elogiaria alguém para ganhar um troco.

O SR. KLEBER LEITE - Jamais, jamais.

O SR. DEPUTADO CHICO ALENCAR - Até porque tem que haver a confirmação efetiva do jogador no futebol mesmo, em campo.

Então, qual desses três universos você considera ser mais suscetível a desmandos, a propinas, a negociatas, à falta de ética e transparência?

O SR. KLEBER LEITE - No rádio, não.

O SR. DEPUTADO CHICO ALENCAR - Não?

O SR. KLEBER LEITE - Não, não. No rádio, não. É muito mais romantismo do que propriamente outra coisa. De jeito nenhum! Negar que isso possa haver nas duas outras atividades seria chover no molhado. A gente está vendo aí, toda hora. Claro que existe. Não vou dizer que seja a regra, e talvez não seja também a exceção. Talvez, um pouco mais do que deveria ser possível suportar. Mas não há como negar, é claro que existe. Existe gente que é séria e gente que não é séria, como em qualquer atividade. Mas eu acho — sabe, Deputado? — que, primeiro, é uma questão de tempo. O que está acontecendo... E com o tempo as coisas vão se ajustar, vão se ajustar. Tudo tem o seu momento. Essa fase nebulosa por que estamos passando vai redundar à frente em algo mais sério, mais profundo, mais transparente, não hipócrita como hoje é. É uma hipocrisia! Enfim, tudo tem o seu momento. Nós estamos vivendo esse momento. Aliás, nós estamos vivendo esse momento de uma maneira muito ampla, até no plano político também.

O SR. DEPUTADO CHICO ALENCAR - Sem dúvida.

O SR. KLEBER LEITE - Então, isso vai se ajustar. Este País é muito bom, é muito grande. Há muita gente séria e muita gente competente. É um ajuste, é um momento que estamos passando.

O SR. DEPUTADO CHICO ALENCAR - A segunda indagação — com a limitação de eu não ter podido estar aqui durante a sua explanação inicial, porque também sou membro da Comissão de Constituição e Justiça — é sobre essa aparente contradição. O Sr. Hawilla fez uma série de denúncias e, pelo que recolhi aqui, o senhor considerou uma loucura da parte dele, uma maluquice, algo sem pé nem cabeça, se bem entendi. Seria exatamente isso? Ele declarou — não sei se é



delação premiada ou colaboração premiada — que, de fato, operava pagando propinas. Vocês tiveram uma intersecção de negócios conjuntos. Nunca, em nenhum momento, essas operações a que ele alude foram do seu conhecimento; e depois, mesmo essas denúncias — que eu li na imprensa, e sobre as quais já foi perguntado aqui pelo Deputado Deley — sobre depósito em uma conta em Londres no valor de meio milhão de dólares, se não me engano; e, depois, o Marco Polo, com quem você disse que não mantém relações, pelo menos fraternas e afetuosas como mantém com Ricardo Teixeira, e não as esconde... Ele também está singrando mares de Angra, do Guarujá, com um iate novinho. Quer dizer, isso tudo é um raio em céu azul, é algo que não tem cabimento? Eu queria que você explicitasse melhor de onde surgiram essas questões a ponto de — é real isto — haver uma investigação. O fechamento da sua conta, da sua empresa, foi efetivo, aconteceu. Acho que não é má fé da sua parte, mas a mim estranha você dizer: "*Olha, não sei por quê.*" Por alguma razão o juiz colocou, razão que depois, não sei se foi outro juiz...

O SR. KLEBER LEITE - Foi outro juiz, foi segunda instância.

O SR. DEPUTADO CHICO ALENCAR - ... anulou, explicando: "*Isto aqui não tem fundamento, não há justa causa.*" Eu creio que seria bom para esta CPI uma elucidação melhor dessa transição e desses fatos mais recentes.

O SR. KLEBER LEITE - Eu já cheguei a explicar isso, mas repito aqui com o maior prazer. Na relação que nós mantínhamos com a Traffic a vida inteira... Você pode até comentar: "*Pô, você foi meio ingênuo.*" Fui, sim, fui. Quer saber mais? Eu acho que não deveria... Não dei à empresa, à minha empresa — que não é só minha, eu tenho sócios — o tratamento que deveria ter dado nesse aspecto, no início, talvez até em função de uma certa fragilidade. No desenvolvimento dos negócios que nós tínhamos, como eu já disse aqui, o desenvolvimento do corpo a corpo com dirigentes sempre foi feito por ele. Eu jamais me envolvi nisso. Jamais comprei uma competição, jamais...

O SR. DEPUTADO CHICO ALENCAR - Por ele Hawilla?

O SR. KLEBER LEITE - Por ele Hawilla. Jamais comprei uma competição. Jamais... A Klefer não era detentora dos direitos do Maracanã, do Mineirão, do Morumbi, das eliminatórias da Copa do Mundo e de outras competições. A Traffic



entrava como a empresa. O negócio em si era desenvolvido por ele. O que nos competia fazer? Competia-nos fazer o dinheiro para pagar a conta. Ou seja, a comercialização, 90% era feita pela Klefer. O desenvolvimento logístico da coisa, todo ele era feito pela Klefer. Competia-nos o trabalho na relação com os clientes: ir ao mercado, procurar o cliente e colocar o dinheiro para dentro. Essa era a nossa função. Eu nunca tive contato de relação comercial com o Presidente da Sul-Americana, com os Presidentes da AFA, da Liga Paraguaia, da Liga Boliviana, da Liga Venezuelana. Jamais! Jamais tive qualquer tipo de contato. Isso era feito por ele. Há outra coisa que eu vou colocar aqui com toda lealdade e com toda franqueza. Eu sei que eu tenho alguns pontos positivos nas coisas que eu faço, como também tenho os negativos. Tenho horror ao negócio do dinheiro em si, da prestação de contas, da organização em si. Eu passo batido, passo ao largo, não é a minha praia. Eu tinha, na Klefer, uma pessoa que fazia toda a relação de acerto de contas, ao final de cada competição, com o pessoal da Traffic, basicamente com eles. Sequer lá eu ia para fazer isso. Nunca, nunca, jamais, em tempo algum imaginei que pudesse haver esse tipo de coisa. Você vai dizer: “*Você é tão inocente assim?*” Era. Nunca tive, nunca vi, nunca participei. Isso passou ao largo. E, para colocar com mais clareza, as pessoas estão vivas. As pessoas estão vivas! Essa pessoa com quem eu fazia o acordo a cada final de ano está viva, mora em São Paulo. Enfim, era isso.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. KLEBER LEITE - Não, não era meu sócio. Ele era diretor administrativo e financeiro da empresa. Não trabalha mais conosco hoje. Não trabalha já há bastante tempo conosco. Enfim, eu sequer participava desse acerto de contas. Fui negligente? Fui. Fui bobo? Fui. Eu tenho certeza de que fui passado para trás. Enfim, não é para ser leal, franco, falar com o coração? É o que eu estou fazendo aqui. Tenha certeza disso! Sobre essa Copa do Brasil, é bom não se esquecer do seguinte detalhe... Talvez o nobre Deputado não estivesse aqui no exato momento em que eu dei a explicação de como aconteceu, como se sucedeu efetivamente na Copa do Brasil. Essa foi uma oportunidade, uma casualidade quando do problema lá entre eles, em que a CBF foi obrigada a romper um contrato com a Traffic. O Jurídico determinou que não, porque poderia pagar uma conta



séria, porque ela não estava dando causa à quebra do contrato. Ele apenas recomendou, para dar satisfação à Sul-Americana, para não ficar mal: *“Não tem nenhum problema, não tem cláusula que garanta a renovação. Pode fazer um contrato com outra empresa a partir desse momento. Você objeta e justifica.”* Aí eu fui à CBF, chamado pelo Ricardo. Isso numa fração de 8 dias. Ele dizia: *“Aconteceu isso. Faça uma proposta.”* Nós nos reunimos. Era uma coisa complicada, embora já fizéssemos o Campeonato Brasileiro com a *Globo*, de colocar o *Publimetro* em todos os estádios do Brasil a cada jogo que acontecesse no Brasil válido pelo Campeonato Brasileiro. Ou seja, a gente tinha estrutura. De repente, nenhum investimento. Fomos ao banco. Pegamos dinheiro para fazer o negócio. Fizemos uma proposta, e uma proposta digna. Outra coisa que eu queria colocar é que, no encaminhamento que eu fiz, eu ia fazer uma coisa que não pude fazer na época do bloqueio das nossas contas. Eu cheguei a manter contato com a Fundação Getulio Vargas, que dispensa qualquer tipo de comentário, pela competência e pela seriedade, para que a Fundação Getulio Vargas fizesse uma avaliação de mercado do contrato em si, principalmente desse da Copa do Brasil, que é o contrato em pauta. Esse contrato da Copa do Brasil... Eu, depois, vou deixar tudo isso aqui, Presidente, para ser anexado. Esse contrato da Copa do Brasil, se porventura fosse desenvolvido pela Traffic, terminaria no montante de 126 milhões. A partir do momento em que a Klefer assumiu, isso subiu para quase 170 milhões. Ou seja, fomos lá, fizemos o contrato com a CBF, e a Klefer assume a Copa do Brasil, ela administra a Copa do Brasil, a partir de 1º janeiro de 2015. A relação com quem quer que seja — com Manoel, Pedro, Joaquim — não me competia. Quem estava fazendo... Até porque a Traffic continuou detentora dos direitos e desenvolvendo o projeto, como detentora, até 31 de dezembro 2014. Então, é exatamente isso que eu estou colocando aqui. Eu não tive relação, jamais tive a relação de negócio. Muito recentemente isso aconteceu, e aconteceu dessa forma que eu estou colocando aqui.

O SR. DEPUTADO CHICO ALENCAR - Sobre essa anulação do bloqueio de contas, em que instância foi? Com quem foi? E com que alegação?

O SR. KLEBER LEITE - TRF.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. KLEBER LEITE - Do Rio.



O SR. DEPUTADO CHICO ALENCAR - E ele alegou o que para anular? Qual foi o argumento?

O SR. KLEBER LEITE - Os advogados podem falar, não?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Não, não. Regimentalmente, não.

O SR. DEPUTADO CHICO ALENCAR - Por mim, poderiam. *(Riso.)*

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. KLEBER LEITE - Então, fala que eu falo.

O SR. DEPUTADO CHICO ALENCAR - Tem que ser ventríloquo.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. KLEBER LEITE - Foi em função de um erro de procedimento adotado pela Procuradoria... Procuradoria americana ou brasileira?

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. KLEBER LEITE - As duas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Satisfeito, Deputado? Posso passar a palavra...

O SR. KLEBER LEITE - Ah, perdão. E com relação ao bloqueio, falta de fundamentação para tal ato.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Tem a palavra o último orador inscrito, o Deputado Silvío Torres.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Sr. Presidente, Sr. Kleber...

O SR. KLEBER LEITE - Deputado, é uma honra revê-lo.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Prazer em vê-lo também. Eu cheguei um pouco atrasado. Eu imagino que boa parte das minhas dúvidas... Aliás, as minhas perguntas anotadas já foram respondidas. Eu também não quero fazê-lo se repetir.

O SR. KLEBER LEITE - Não, eu repetirei com o maior prazer, Deputado.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - O Deputado Chico Alencar fez uma pergunta que eu já estava pronto para fazer, e já me poupou dela. Mas eu vou fazer de modo diferente. Há todo um histórico da CBF com seus contratos. E, desde os seus primórdios, ela nunca deixou de ser suspeita de intermediação de propina por fora. Isso está fartamente comprovado. O depoimento, a delação — digamos assim



— do J. Hawilla veio corroborar o que já se comentava, já se sabia. Aliás, o que nós já havíamos levantado, naquele tempo da CPI, há 15 anos, é que, no envolvimento da CBF com seus parceiros, sempre aparecia algum intermediário nos contratos feitos. Mas, até que o FBI pudesse divulgar o que divulgou, fazer as detenções e tudo que nós sabemos que aconteceu, não se conhecia quais eram essas ramificações todas e como essa máfia do futebol mundial estava funcionando, especialmente aqui na América do Sul, que é um dos melhores mercados do mundo para essa coisa do futebol.

Como disse o Deputado Chico, ao longo da história, o senhor passou por várias fases na sua carreira, desde radialista até hoje, como empresário também do ramo de futebol. Então, vou considerar que o senhor sabe, porque era divulgado que isso acontecia. Imagino que o senhor não será inocente a esse ponto, apesar de ter se declarado ingênuo, mas não ingênuo a ponto de não saber que existiam grandes negociatas por fora, no futebol, a partir do momento em que ele passou a ser um negócio muito lucrativo e muito grande.

O J. Hawilla — na história que se conhece dele — ascendeu como uns dos maiores empresários desse ramo, em cima de contratos que obteve da CBF, principalmente o da Nike, que foi o que deu a maior alavancagem para ele. Agora, ele resolveu contar sua vida e o que fez, para se livrar da prisão, o que certamente iria trazer para ele uma situação muito mais triste do que a que ele já vive. Assim como o senhor tem pena do Ricardo Teixeira, eu também tenho pena do J. Hawilla e de todo mundo que sofre, como pessoa. Mas as pessoas acabam tendo que pagar pelos seus crimes.

O senhor se defendeu, quando teve esse problema, dizendo que era uma vingança do J. Hawilla, porque ele teria perdido o contrato. Depois, mais recentemente, o senhor disse que ele o procurou, por telefone, pedindo que o mantivesse, para que ele não corresse o risco de ver a empresa se desvalorizar.

O SR. KLEBER LEITE - Isso.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Ele está vendendo as empresas para pagar o prêmio que ele precisa...

O SR. KLEBER LEITE - Não, não, Deputado. Desculpe-me, não foi isso, não.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - É o que está constando aqui, olhe.



O SR. KLEBER LEITE - Não, não.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - *"Ele apelou para a nossa velha amizade, quase que implorando para que dividisse com a Traffic o contrato que havíamos firmado com a CBF"*.

O SR. KLEBER LEITE - Ah, sim! Não, isso é outra história a que eu me referi, porque foi feita aqui uma observação que diz respeito ao acordo que ele acabou fazendo com um empresário argentino para o desenvolvimento da Copa América. Foi confusão minha, desculpe-me.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Eu só estou falando isso para demonstrar que havia uma ligação de amizade e que havia uma ligação de negócios. Quanto à vingança do J. Hawilla, foi dito que ocorreu porque ele perdeu os direitos da Copa do Brasil.

O SR. KLEBER LEITE - Ele não, ele não, ele não... Desculpe-me, Deputado, há pessoas e pessoas.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Hum.

O SR. KLEBER LEITE - O raciocínio dele não foi o de ter recuperado 50% da Copa do Brasil, foi de ter perdido 100%. Eu coloquei aqui...

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Mas o senhor disse que ele o incluiu, ou o teria incluído, por vingança.

O SR. KLEBER LEITE - Eu não tenho nenhuma dúvida.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Então, a vingança dele foi porque ele perdeu, e ele perdeu porque... O senhor sabe a razão pela qual ele perdeu?

O SR. KLEBER LEITE - Não, eu expliquei aqui, eu tive a oportunidade de explicar aqui. Houve um determinado momento em que a Confederação Sul-Americana determinou a todas as entidades da América do Sul que não mantivessem...

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Determinou que não negociassem mais com a Traffic.

O SR. KLEBER LEITE - Não, que não tivessem nenhum contrato com a Traffic, considerando-o *persona non grata*. A CBF, naturalmente, recebeu esse ofício e o encaminhou, de imediato, ao Jurídico. O Jurídico recomendou: *"Cuidado, porque, embora haja uma determinação da Sul-Americana, não há nenhuma causa*



para se romper esse contrato. Pode-se até rompê-lo, porque os direitos são da CBF. Agora, vai-se pagar por isso”.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Sei.

O SR. KLEBER LEITE - Então, foi exatamente isso.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Bom, mas eu quero chegar ao seguinte...

O SR. KLEBER LEITE - Aí, eles me chamaram...

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - O J. Hawilla pagou comissão, pagou propina para obter os direitos da Copa Brasil. Ele confirmou isso na sua delação.

O SR. KLEBER LEITE - Deputado, é muito bom, é assim que a gente se entende.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - É.

O SR. KLEBER LEITE - Eu lhe agradeço por me permitir isso. Usando de toda a sinceridade, eu tenho com o Ricardo total liberdade fraterna de procurar, de procurar a verdade. O Ricardo me assegura que nunca recebeu um centavo do Hawilla pela Copa do Brasil.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Não, ele...

O SR. KLEBER LEITE - Ele vai ter que provar. Não adianta ele...

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Não, o senhor me desculpe, mas o Ricardo Teixeira vem mentindo faz mais de 20 anos para todo mundo!

O SR. KLEBER LEITE - Não, para mim, não, Deputado!

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - A palavra dele... O senhor dar a palavra dele aqui, sinceramente, não vai alterar nada, porque está mais do que comprovado. Ele reconheceu, ele reconheceu ter recebido propina para a FIFA, pagou para se livrar de um processo...

O SR. KLEBER LEITE - Deputado, eu acho que eu não fui bem claro.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Não, não...

O SR. KLEBER LEITE - Eu disse aqui que o Ricardo me afirmou — e eu acredito nele — que nunca pagou e nunca recebeu um centavo do Hawilla pela Copa do Brasil. Não adianta o Hawilla delatar, ele tem que provar!



O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Ah, o senhor me desculpe, mas o senhor acha que o Hawilla delataria o Ricardo Teixeira também por vingança? É isso?

O SR. KLEBER LEITE - Acho! Acho! Ele tem ódio...

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Depois de...

O SR. KLEBER LEITE - Acho!

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Depois de anos e anos...

O SR. KLEBER LEITE - Acho!

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - ...de parceria...

O SR. KLEBER LEITE - Não, não, não, não...

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - ...ele o delataria por vingança em determinado momento?

O SR. KLEBER LEITE - Não, Deputado, eles não estavam mais num bom momento, o senhor está equivocado.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Eu sei que eles tiveram maus momentos. Depois, acertaram-se novamente e aí tiveram outro problema.

O SR. KLEBER LEITE - Não, não, não, desculpe-me, isso não corresponde à realidade.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Eu falo até quando aconteceu isso para o senhor, se o senhor quiser.

O SR. KLEBER LEITE - Isso não corresponde à realidade, eles estavam absolutamente estremecidos. O Hawilla imputa ao Ricardo...

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Em que momento eles estavam?

O SR. KLEBER LEITE - O Hawilla imputa ao Ricardo, nesse momento... O Hawilla imputa ao Ricardo a responsabilidade de não ter resolvido o problema dele junto à Sul-Americana e às outras federações.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Quando nós estávamos aqui na CPI... Aliás, o senhor também veio aqui uma vez como testemunha.

O SR. KLEBER LEITE - Vim, estivemos juntos.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Quando nós estávamos aqui, Logo após a CPI, aliás, quando a CPI estava para terminar, houve o primeiro estremecimento. Isso foi quando a CBF fechou um novo contrato comercial e deixou



J. Hawilla de fora. Quem recebeu a comissão, naquela época, de cerca de 6 milhões de dólares ou de 8 milhões de dólares foi um ex-sócio de Ricardo Teixeira no El Turf. Essa é uma história que está contada, está escrita. Esse foi o primeiro estremecimento. E aí passaram um bom tempo às turras, de alguma forma. Posteriormente, quando houve uma nova renegociação com a Nike, eles voltaram a se acordar. Provavelmente houve o outro entrevero que o senhor está dizendo.

Mas eu quero dizer o seguinte: apesar da palavra que Ricardo Teixeira deu ao senhor, eu tenho aqui comigo uma convicção de que, em todos os contratos que ele firmou com a CBF, ele teve algum tipo de benefício.

O SR. KLEBER LEITE - Desculpe, o nosso não teve.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Eu ia perguntar exatamente isso: por que o senhor foi escolhido, quando foi rompido o contrato da Copa do Brasil, e não qualquer outro empresário do ramo? E se essa escolha, então, foi pela sua proximidade, sua afetividade, sua amizade com ele.

O SR. KLEBER LEITE - Deputado, eu não posso negar que isso não tenha feito parte. Seria uma hipocrisia, não é? Claro que, quando se tem afeto e carinho, se aproxima.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Sim.

O SR. KLEBER LEITE - Só que eu já havia explicado isso aqui também. Ele tinha um período curto para resolver esse problema. Modéstia à parte, hoje a Klefer é uma empresa estruturada para fazer um atendimento, porque o senhor não tem ideia do que seja o movimento de gente — uma loucura! —, para estar presente em todos os jogos do Campeonato Brasileiro e da Copa do Brasil. Pouquíssimas empresas poderiam ter condições de estar estruturadas para esses...

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Mas havia empresas em condições?

O SR. KLEBER LEITE - Pouquíssimas. Pouquíssimas.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - E elas foram chamadas também?

O SR. KLEBER LEITE - Não. Provavelmente não.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Não? O senhor foi escolhido entre as empresas pela sua amizade com ele?

O SR. KLEBER LEITE - Pela amizade e, desculpe, pela competência da empresa.



O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Sei, mas o senhor acabou de reconhecer que outras empresas, pouquíssimas, teriam condições.

O SR. KLEBER LEITE - Pouquíssimas. Pouquíssimas. Pouquíssimas. Talvez a SportPromotion, que hoje faz a segunda divisão. Pouquíssimas, muito poucas, com certeza absoluta.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Então, o senhor está dizendo, obviamente, que não deu propina a ninguém, mas o senhor foi reconhecido como capaz e foi escolhido pela amizade.

O SR. KLEBER LEITE - Exatamente. À época, o senhor aqui também não estava. E dentro de uma situação de ordem financeira absolutamente interessante para a CBF. A reunião feita entre sócios... Até eu coloquei de uma forma para protegê-lo, para que amanhã ninguém comentasse nada. Não sei se o senhor já estava aqui, todos os contratos que a Klefer tem, diretos ou indiretos...

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Com a CBF?

O SR. KLEBER LEITE - Com a CBF estão aqui já. Até os indiretos.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - São muitos?

O SR. KLEBER LEITE - Não. Levando-se em conta...

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Além da Copa do Brasil, quais são?

O SR. KLEBER LEITE - Por exemplo, há um contrato em que a Klefer... O senhor vai ter acesso, está tudo aí.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - É porque me falaram que o senhor tinha deixado os contratos, mas não sabia quais eram os contratos.

O SR. KLEBER LEITE - Todos, estão todos.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Alguém perguntou quais eram os contratos?

O SR. KLEBER LEITE - Mas eu citei já todos aqui.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Ah, o senhor citou?

O SR. KLEBER LEITE - Todos! Estão todos citados. Até os indiretos. Por exemplo, na Copa do Nordeste, há um elo com a CBF, embora o contrato não seja com ela; o contrato é da Liga do Nordeste com a CBF. O contrato da Klefer, da Sport Plus, do Esporte Interativo são com a Liga do Nordeste, mas há um elo. Como há



um elo, eu trouxe para cá. A empresa que detém os direitos dos jogos amistosos da Seleção Brasileira, essa empresa escolheu a Klefer, não pelos advogados.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Essa que levou a Seleção Brasileira a jogar contra o Kuwait.

O SR. KLEBER LEITE - Não. Essa era a anterior.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - É a tal que fez aquela...

O SR. KLEBER LEITE - Não, não, não. Essa era anterior. Eu me refiro à nova, à PIT, a PIT Internacional, uma empresa inglesa. Ela utiliza os serviços da Klefer em determinados jogos, em função do que nós já desenvolvemos no mercado, do que arrecadamos junto ao mercado. Ou seja, ela está nos contratos.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Mas a CBF intervém nesse contrato?

O SR. KLEBER LEITE - Não, não, não. A nossa relação é com a PIT Internacional.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Mas a CBF não intervém no contrato?

O SR. KLEBER LEITE - Intervém no contrato da PIT.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Sim, mas, de qualquer forma, é ligada à CBF também.

O SR. KLEBER LEITE - É ligada à CBF. Claro!

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Então, todos esses contratos que o senhor obteve com a CBF não tiveram nenhuma... O senhor não precisou pagar nenhuma comissão a ninguém?

O SR. KLEBER LEITE - Nenhuma. Jamais. Nunca. A ninguém.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - O senhor atribui também à sua amizade com o Ricardo Teixeira, por ter sido...

O SR. KLEBER LEITE - Não foram tantos, não. Deputado, não foram, não. Não são tantos assim. Alguns, inclusive... Muitos são indiretos, que nem sequer a relação com a CBF se tem. Mas, para ser transparente, até os indiretos eu trouxe aqui.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Eu li aqui que o senhor se considera uma empresa média, uma empresa do mercado. É isso?

O SR. KLEBER LEITE - Evidente! Deputado, eu não tenho lancha, não tenho jato, não tenho empresa nos Estados Unidos, a Klefer também não. É tão simples se



ter acesso ao desempenho, ao desenvolvimento da Klefer. É uma empresa que trabalha com dignidade, obtém o seu lucro, tem os seus prejuízos.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Não, eu não estou colocando em dúvida. É que o senhor disse que seria umas das poucas empresas que teriam condições. As outras também são empresas do mesmo porte.

O SR. KLEBER LEITE - Eu não me referi a médio, pequeno e grande porte. Eu estou dizendo que a Klefer, hoje, é uma empresa estruturada para um perfeito atendimento a quem quer que seja, como servimos recentemente à Rede Globo. Trabalhamos com eles no Campeonato Brasileiro. E eles não trabalhariam com uma empresa que não tivesse competência, que não tivesse dignidade.

O SR. DEPUTADO CHICO ALENCAR - Tem aplicação em truste?

O SR. KLEBER LEITE - Não, nenhuma, zero. Tenho uma conta, eu pessoal, no UBS, cujo saldo são 154 mil dólares.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Desculpe, Sr. Presidente, eu já me alonguei demais.

Por fim, o senhor acha que não terá nenhum problema com o FBI? O seu nome não será envolvido em nenhuma das delações; seja ela a do J. Hawilla; seja a do Marin, se vier a ocorrer; seja a do próprio Ricardo Teixeira, se eventualmente...

O SR. KLEBER LEITE - Não pode vir a ocorrer, porque não existe, Deputado.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - O.k.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudívio Carvalho) - Muito bem! Não havendo mais inscritos para inquirições, eu concedo a palavra ao convocado para as suas considerações finais.

O SR. KLEBER LEITE - Deputado, eu quero agradecer, antes de qualquer coisa, a oportunidade que esta CPI me proporcionou. Algumas coisas que estavam aqui entaladas eu pude liberar. Há uma coisa engraçada, porque, às vezes, uma determinada ação judicial propicia uma coisa, a pessoa fazer aquilo que realmente tenha vontade de fazer. Não teria sentido nós termos profissionais tão competentes, como o Dr. Raphael, como o Dr. Michel Assef Filho, que determinam certas coisas, e, por temperamento, às vezes, eu não concordo, mas não tem sentido. Até o saber jurídico é deles, não é meu. Mas eu estou tendo aqui, independentemente da vontade deles, a oportunidade de abrir o meu coração e de falar o que eu tenho



vontade de falar. E não há nada que... Tenha a certeza de que vou dormir muito melhor hoje. Muito obrigado a todos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Laudivio Carvalho) - Eu quero agradecer muito ao Sr. Kleber Leite pela presença.

Registro aqui, ao final desta CPI, a ausência do Deputado Fernando Monteiro, que é o Relator da Comissão Parlamentar de Inquérito e está em missão oficial em Nova York, participando de reuniões na ONU.

Nada mais havendo a tratar, encerro a presente reunião, antes convocando este Colegiado para uma nova reunião de audiência pública, a realizar-se na quinta-feira, dia 9, às 10 horas da manhã, com a presença dos Srs. Eduardo Gabardo e Rodrigo Oliveira.

Está encerrada a reunião.

Boa tarde!